

PROGRAMA
de TRANSIÇÃO
da
IV INTERNACIONAL

**A agonia do capitalismo e as
tarefas da IV Internacional**

**LEON
TROTSKY**

**PROGRAMA
de TRANSIÇÃO
da
IV INTERNACIONAL**

**A agonia do capitalismo e as
tarefas da IV Internacional**

EDITORA
sundermann 

São Paulo, novembro de 2017

© 2017, Editora Sundermann

Título original: *Perekhodnaya Programma*

A editora autoriza a reprodução de partes deste livro para fins acadêmicos e/ou de divulgação eletrônica, desde que mencionada a fonte.

Conselho editorial:

Helena Fontana
João Ricardo Soares
Jorge Breogan

**Projeto gráfico
e diagramação:**
Leo Misleh

Tradução:

Ana Beatriz da Costa Moreira

Revisão:

Luciana Candido

Capa:

Romerito Pontes

Edição:

Jorge Breogan

Dados internacionais de catalogação (CIP)
elaborados na fonte por Iraci Borges – CRB-8 - 2263

Trotsky, Leon

Programa de transição para a revolução socialista: a agonia mortal do capitalismo e as tarefas da IV Internacional. Traduzido por Ana Beatriz da Costa Moreira. São Paulo: Sundermann, 2017.

114 p.

ISBN: 978-85-99156-96-4

Título original: *Perekhodnaya Programma*

Publicado originalmente em 1938.

Tradução efetuada com base na edição disponível
no site marxists.org, 2004.

1. Revolução socialista - política. 2. Programa de transição.
3. Socialismo. I. Título. II. Moreira, Ana Beatriz da Costa, trad.

CDD: 323.27

Editora José Luís e Rosa Sundermann — Avenida 9 de Julho, 925
Bela Vista, São Paulo - CEP: 01313-000, Brasil — 55 -11 4304 5801
vendas@editorasundermann.com.br — www.editorasundermann.com.br

Sumário



Nota dos editores 7

**A mobilização das massas em torno
a reivindicações transitórias como preparação
para a conquista do poder**



As premissas objetivas da revolução socialista 13

O proletariado e suas direções 17

Programa mínimo e programa de transição 21

Escala móvel de salários

 e escala móvel das horas de trabalho 25

Os sindicatos na época de transição 29

Comitês de fábrica 33

O “segredo comercial”

 e o controle operário da indústria 37

A expropriação de certos grupos capitalistas	43
A expropriação de certos bancos e a estatização do sistema de crédito	45
Os piquetes operários, os destacamentos de defesa, a milícia operária, o armamento do proletariado	47
A aliança entre operários e camponeses	53
A luta contra o imperialismo e contra a guerra	59
O governo operário e camponês	69
Os sovietes	75
Os países atrasados e o programa de reivindicações transitórias	79
O programa de reivindicações transitórias nos países fascistas	83
A situação da URSS e as tarefas da época de transição	89
Contra o oportunismo e o revisionismo sem princípios	97
Contra o sectarismo	103
Lugar à juventude! Lugar às mulheres trabalhadoras!	107
Sob a bandeira da IV Internacional!	111
	★

PROGRAMA
de TRANSIÇÃO
da
IV INTERNACIONAL

**A agonia do capitalismo e as
tarefas da IV Internacional ¹**
1938

**A mobilização das massas
em torno a reivindicações
transitórias como preparação
para a conquista do poder ²**



1 Programa de ação proposto para ser discutido pelo Secretariado Internacional junto às seções da IV Internacional.

2 Boletim da oposição (bolchevique-leninista), nº 66-67, maio-junho de 1938. O original encontra-se no site www.1917.com

Nota dos Editores



Dando continuidade às obras comemorativas dos 100 anos da Revolução Russa, a Editora Sundermann apresenta o *Programa de Transição*, traduzido diretamente do russo. O texto, escrito por Leon Trotsky em 1938, é o documento fundacional da IV Internacional, aprovado em seu primeiro congresso.

E por que a importância de publicarmos esta obra?

Longe de negar o *Manifesto Comunista*, o primeiro programa para a revolução socialista, o *Programa de Transição* reafirma as tarefas do proletariado mundial

colocadas por Marx no *Manifesto* e o complementa sob a perspectiva do capitalismo em sua fase imperialista. O revolucionário russo o faz a partir de identificar a falência da III Internacional, a Internacional Comunista, que se converteu de partido mundial da revolução no maior aparato contrarrevolucionário da História.

A IV Internacional nada mais é do que a continuidade do verdadeiro marxismo e a retomada da tradição bolchevique antes de ser destruída na URSS pela burocracia dirigida por Stalin. Para fundar a nova organização, Trotsky considera os quatro primeiros congressos da III Internacional. O que veio a acontecer depois desse período, sobretudo após a morte de Lenin, foi uma sequência de perseguições e de traições à classe operária mundial que infringiram derrotas de proporções gigantescas. Por mais que Stalin tenha tido seu papel de indivíduo da História, essa tragédia histórica foi fruto de uma estratégia formulada por ele mesmo, a do socialismo num só país. E assim se deteriorou o partido mundial da revolução, a III Internacional.

O trotskismo, que defendia por meio da Oposição de Esquerda a revolução permanente e mundial, passou a ser perseguido. Os apoiadores de Trotsky, acusados de agentes do imperialismo, foram executados num dos maiores crimes da humanidade, os Processos de Moscou. O próprio Trotsky foi condenado à morte, feito que Stalin finalmente obteve em 1940, com o assassinato do revolucionário no exílio,

México. Mas o trotskismo não morreu, e o *Programa de Transição* é um de seus legados.

Para Trotsky, “a situação política mundial como um todo caracteriza-se, antes de mais nada, pela crise histórica da direção do proletariado”. Daí a importância que deu a essa tarefa, segundo ele, a maior de sua vida. “Continuo pensando que o trabalho no qual estou empenhado, apesar de seu caráter extremamente insuficiente e fragmentário, é o mais importante da minha vida, mais que 1917, a guerra civil ou qualquer outro”, registra em seu *Diário do Exílio*.

Antes de ser assassinado, Trotsky, o último fio de continuidade vivo da Revolução de Outubro, nos deixou um legado enorme e uma tarefa maior ainda. O *Programa de Transição* é a sistematização das tarefas que devemos empreender para retomar o caminho da revolução socialista mundial. Com base nisso, a tarefa primeira e maior de cada revolucionário é a reconstrução da IV Internacional, do partido mundial da revolução. Tarefa que se faz cada vez mais necessária e urgente em tempos de crise do capitalismo, guerras e revoluções.



A Sundermann é a editora que mais tem publicado as obras de Leon Trotsky. O objetivo é manter viva a obra do revolucionário russo, que nada mais é do que o próprio testemunho da verdadeira Revolução de Outubro e os ensinamentos para a construção da sociedade socialista que está por vir.

Este ano, a Sundermann já publicou *Minha Vida*, *A Revolução Traída* em árabe e *1917: Revolução Russa em Quadrinhos*. Além do *Programa de Transição* que ora apresentamos, pretendemos reeditar em breve *História da Revolução Russa* e *A Revolução Traída*.

Os editores



As premissas objetivas da revolução socialista

A situação política mundial como um todo caracteriza-se, antes de mais nada, pela crise histórica da direção do proletariado.

A premissa econômica da revolução proletária há tempos já atingiu o ponto máximo que pode ser alcançado sob o capitalismo. As forças produtivas da humanidade deixaram de crescer. As novas invenções e os novos progressos técnicos já não conduzem mais a um aumento da riqueza material. As crises conjunturais, nas condições da crise social de todo o sistema capitalista, descarregam sobre as massas privações e sofrimentos cada vez mais pesados. O aumento do desemprego aprofunda, por sua vez, a crise financeira do Estado e mina os sistemas

financeiros estremecidos. Os governos democráticos, assim como os fascistas, marcham de uma bancarrota a outra.

A própria burguesia não vê saída. Nos países onde se viu forçada a fazer sua última jogada com a carta do fascismo, caminha rápido agora e de olhos fechados em direção à catástrofe econômica e militar. Nos países historicamente privilegiados, isto é, naqueles onde ela ainda pode se permitir por certo tempo o luxo da democracia por conta da antiga acumulação nacional (Grã-Bretanha, França, Estados Unidos etc.), todos os partidos tradicionais do capital encontram-se num estado de desagregação que, por momentos, beira a paralisia da vontade. O *New Deal*³, apesar de sua firmeza aparente no primeiro período, representa apenas uma forma específica dessa desagregação, possível somente num país onde a burguesia conseguiu acumular riquezas incalculáveis. A crise atual, ainda

3 *New Deal*: plano do governo de Franklin Delano Roosevelt, então presidente dos Estados Unidos, tendo em vista os problemas decorrentes da Grande Depressão de 1929 e a radicalização da classe operária. O reformismo do *New Deal* proporcionou à classe capitalista a oportunidade de aparecer concessora de alguns direitos à classe operária quando, de fato, restringia severamente esses direitos. Em 1936, o Partido Comunista norte-americano apoiou Roosevelt como uma espécie de versão americana do governo de Frente Popular, algemando, na prática, o movimento trabalhista ao Partido Democrata numa época em que havia um considerável sentimento a favor de um partido operário independente. (NdoE)

longe de ter se esgotado, já demonstrou que a política do New Deal nos Estados Unidos, assim como a política da Frente Popular na França, não oferece nenhuma saída ao impasse econômico.

O panorama das relações internacionais não possui melhor aspecto. Sob a crescente pressão da desintegração capitalista, os antagonismos imperialistas atingiram um limite cujo ponto mais alto, os conflitos isolados e as explosões sangrentas (Etiópia, Espanha, Extremo Oriente, Europa Central), devem inevitavelmente convergir num incêndio mundial. A burguesia dá-se conta, evidentemente, do perigo mortal que uma nova guerra representa para seu domínio. Porém, hoje em dia, é infinitamente menos capaz de preveni-la do que fora às vésperas de 1914.

Os falatórios de toda espécie, segundo os quais as condições históricas ainda “não estariam maduras” para o socialismo, representam apenas um produto da ignorância ou de um engano consciente. As premissas objetivas da revolução proletária não apenas amadureceram, como já começaram a apodrecer. Sem a revolução socialista no próximo período histórico, toda a civilização humana está ameaçada por uma catástrofe. Tudo depende do proletariado, isto é, em primeiro lugar, de sua vanguarda revolucionária. A crise histórica da humanidade reduz-se à crise da direção revolucionária.



O proletariado e suas direções

A economia, o Estado, a política da burguesia e suas relações internacionais estão completamente afetados pela crise social que caracteriza a situação pré-revolucionária da sociedade. O principal obstáculo no caminho da transformação da situação pré-revolucionária em revolucionária é o caráter oportunista da direção do proletariado, sua covardia pequeno-burguesa diante da grande burguesia e os laços traidores que mantém com essa mesmo em sua agonia.

Em todos os países, o proletariado está envolvido por uma angústia profunda. Massas de milhões de pessoas lançam-se sem cessar ao movimento da revolução. Mas toda vez, nesse caminho, chocam-se com seus próprios aparelhos burocráticos e conservadores.

O proletariado espanhol fez, desde abril de 1931, uma série de tentativas heroicas de tomar o poder em suas mãos e a direção dos destinos da sociedade. Entretanto, seus próprios partidos (social-democratas, stalinistas, anarquistas, POUM), cada qual à sua maneira, atuaram como freio e, assim, prepararam o triunfo de Franco.

Na França, a poderosa onda de greves com ocupação, particularmente em junho de 1936, revelou que o proletariado estava completamente pronto para derrubar o sistema capitalista. Entretanto, as organizações dirigentes (socialistas, stalinistas e sindicalistas) conseguiram, sob a égide da Frente Popular, canalizar e interromper, ao menos temporariamente, a torrente revolucionária.

A onda sem precedentes de greves com ocupação de fábricas e o crescimento incrivelmente rápido dos sindicatos industriais nos Estados Unidos (CIO) ⁴ são a mais incontestável expressão da instintiva aspiração dos trabalhadores americanos de elevarem-se ao nível das tarefas históricas colocadas diante de si. Entretanto, aqui também, as organizações dirigentes, inclusive a recém-formada CIO, fazem todo o possível para retardar e paralisar a pressão revolucionária das massas.

A passagem definitiva da Internacional Comunista para o lado da ordem burguesa e seu papel cinica-

⁴ CIO: Congresso de Organizações Industriais. (NdoE)

mente contrarrevolucionário no mundo inteiro, particularmente na Espanha, França, Estados Unidos e outros países “democráticos”, criou extraordinárias dificuldades suplementares para o proletariado mundial. Sob o signo da Revolução de Outubro, a política conciliadora da Frente Popular está condenando a classe trabalhadora à impotência e abrindo caminho para o fascismo.

As frentes populares de um lado e o fascismo de outro são os últimos recursos políticos do imperialismo na luta contra a revolução proletária. Do ponto de vista histórico, ambos recursos constituem, contudo, uma ficção. A putrefação do capitalismo continua, tanto sob o signo do barrete frígido na França quanto sob o signo da suástica na Alemanha. Apenas a derrubada da burguesia pode oferecer uma saída.

A orientação das massas se determina, por um lado, pelas condições objetivas do capitalismo em putrefação; por outro, pela política traidora das velhas organizações operárias. Desses dois fatores, sem dúvida, o primeiro é decisivo: as leis da história são mais fortes que os aparelhos burocráticos. Por mais diversos que sejam os métodos dos sociais-traidores (da legislação de Léon Blum às falsificações judiciais de Stalin), jamais conseguirão quebrar a vontade revolucionária do proletariado. Cada vez mais, seus esforços desesperados de deter a roda da história mostrarão às massas que a crise da direção do proletariado, que se transformou na crise da civilização humana, só pode ser resolvida pela IV Internacional.



Programa mínimo e programa de transição

A tarefa estratégica do próximo período – período pré-revolucionário de agitação, propaganda e organização – consiste em superar a contradição entre a maturidade das condições objetivas da revolução e a imaturidade do proletariado e de sua vanguarda (confusão e desilusão da velha geração, inexperiência da nova). É preciso ajudar as massas no processo de suas lutas cotidianas a encontrar a ponte entre suas reivindicações atuais e o programa da revolução socialista. Essa ponte deve conter em si um sistema de reivindicações transitórias que parta das atuais condições e consciências de amplas camadas da classe trabalhadora e conduza, invariavelmente, a uma só e mesma conclusão: a conquista do poder pelo proletariado.

A social-democracia clássica, que atuava numa época progressista do capitalismo, dividia seu programa em duas partes independentes uma da outra: o programa mínimo, que se limitava a reformas nos quadros da sociedade burguesa; e o programa máximo, que prometia para um futuro indeterminado a substituição do capitalismo pelo socialismo. Entre o programa mínimo e o programa máximo, não havia qualquer mediação. A social-democracia tampouco tem necessidade dessa ligação, porque ela só fala de socialismo nos dias de festa.

A Internacional Comunista enveredou pelo caminho da social-democracia na época do capitalismo em decomposição, quando já não é mais possível falar em reformas sociais sistemáticas nem para a elevação do nível de vida das massas; quando a burguesia sempre retoma com a mão direita o dobro do que deu com a mão esquerda (impostos, direitos alfandegários, inflação, deflação, preços altos, desemprego, regulamentação policial das greves etc.); quando cada reivindicação séria do proletariado e mesmo cada reivindicação progressista da pequena burguesia conduzem, inevitavelmente, para além dos limites da propriedade capitalista e do Estado burguês.

A tarefa estratégica da IV Internacional não consiste numa reforma do capitalismo, mas em sua derubada. Seu objetivo político: a conquista do poder pelo proletariado para realizar a expropriação da burguesia. Entretanto, a solução dessa tarefa estra-

tégica é inconcebível sem a mais atenta atitude em todas as questões de tática, mesmo as pequenas e parciais. Todas as frações do proletariado, todas as camadas, profissões e grupos devem ser levados ao movimento revolucionário. O que distingue a época atual não é o fato de ela liberar o partido revolucionário do trabalho cotidiano, mas o de permitir conduzir essa luta em união indissolúvel com as tarefas da revolução.

A IV Internacional não rejeita as reivindicações do velho programa mínimo, na medida em que elas conservaram, ao menos em parte, sua força vital. Defende incansavelmente os direitos democráticos dos operários e suas conquistas sociais, mas conduz esse trabalho para uma perspectiva correta, real, ou seja, revolucionária. À medida que as velhas reivindicações parciais “mínimas” das massas se chocam com as tendências destrutivas e degradantes do capitalismo decadente – e isso ocorre a cada passo –, a IV Internacional faz avançar um sistema de reivindicações transitórias, cujo sentido consiste em dirigir-se cada vez mais aberta e resolutamente contra as próprias bases do regime burguês. O velho “programa mínimo” é constantemente ultrapassado pelo programa de transição, cuja tarefa consiste numa mobilização sistemática das massas em direção à revolução proletária.



Escala móvel de salários e escala móvel das horas de trabalho

Nas condições do capitalismo em decomposição, as massas continuam a viver a vida morna de oprimidos que hoje, mais do que nunca, estão ameaçados de serem lançados no abismo da miséria. Elas são obrigadas a defender seu pedaço de pão, mesmo que não possam aumentá-lo ou melhorá-lo. Não há possibilidade nem necessidade de enumerar aqui as diversas reivindicações parciais que surgem, a cada momento, de circunstâncias concretas, nacionais, locais, profissionais. Mas duas catástrofes econômicas fundamentais, nas quais se resume o absurdo crescente do sistema capitalista – o desemprego e a carestia da vida –, exigem palavras de ordem e métodos de luta generalizados.

A IV Internacional declara guerra implacável à política dos capitalistas que é, em grande parte, a de seus agentes – os reformistas –, de tentar fazer que recaia sobre os trabalhadores todo o fardo do militarismo, da crise, da desagregação dos sistemas monetários e de todas as outras catástrofes da agonia capitalista. Reivindica trabalho e existência digna para todos.

Nem a inflação monetária nem a estabilização podem servir como palavras de ordem para o proletariado, pois são duas faces de uma mesma moeda. Contra o aumento dos preços, que, à medida que a guerra for se aproximando, vai adquirir um caráter cada vez mais desenfreado, só se pode lutar com a palavra de ordem de escala móvel de salários. Os contratos coletivos devem assegurar o aumento automático dos salários, correlativamente à elevação dos preços dos artigos de consumo.

Sob a ameaça de sua própria degeneração, o proletariado não pode admitir a transformação de uma parte crescente dos operários em desempregados crônicos, em miseráveis vivendo das migalhas de uma sociedade em decomposição. O direito ao trabalho é o único direito sério que o operário tem numa sociedade fundada sobre a exploração. Entretanto, esse direito lhe é confiscado a cada passo. Contra o desemprego, tanto “estrutural” quanto “conjuntural”, é preciso lançar, junto com a palavra de ordem de trabalhos públicos, a de escala móvel das horas de trabalho. Os sindicatos e as outras organizações de massa

devem unir os que têm trabalho aos desempregados por meio de compromissos mútuos de solidariedade. O trabalho disponível é repartido entre todos os operários existentes, e essa repartição deve determinar a duração da semana de trabalho. O salário médio de cada operário continua o mesmo da antiga semana de trabalho. O salário, com um mínimo estritamente assegurado, segue o movimento dos preços. Nenhum outro programa pode ser aceito para o atual período de catástrofes.

Os proprietários e seus advogados demonstrarão a “impossibilidade de realizar” essas reivindicações. Os pequenos capitalistas, sobretudo aqueles que caminham para a ruína, invocarão, além do mais, seus livros de contabilidade. Os operários rejeitarão categoricamente esses argumentos e essas referências. Não se trata do choque “normal” de interesses materiais opostos. Trata-se de preservar o proletariado da decomposição, da desmoralização e da ruína. Trata-se da vida e da morte da única classe criadora e progressista e, por isso mesmo, do futuro da humanidade. Se o capitalismo é incapaz de satisfazer às reivindicações que surgem infalivelmente dos males que ele mesmo engendrou, que morra! A “possibilidade” ou “impossibilidade” de realizar as reivindicações é, no caso presente, uma questão de relação de forças que só pode ser resolvida pela luta. Sobre a base dessa luta, quaisquer que sejam seus sucessos práticos imediatos, os operários compreenderão melhor toda a necessidade de liquidar a escravidão capitalista.



Os sindicatos na época de transição

Na luta pelas reivindicações parciais e transitórias, os operários precisam hoje, mais do que nunca, de organizações de massas, antes de tudo de sindicatos. A poderosa ascensão dos sindicatos na França e nos Estados Unidos é a melhor resposta aos ultraesquerdistas doutrinários da passividade, que pregavam que os sindicatos “estavam fora de moda”.

Os bolchevique-leninistas encontram-se nas primeiras fileiras de todas as formas de luta, mesmo naquelas onde se trata somente de interesses materiais ou dos direitos democráticos mais modestos da classe operária. Tomam parte ativa na vida dos sindicatos de massa, preocupando-se em reforçá-los, em aumentar seu espírito de luta. Lutam implacavelmente

contra todas as tentativas de submeter os sindicatos ao Estado burguês e de subjugar o proletariado pela “arbitragem obrigatória” e todas as outras formas de intervenção policial, não somente fascistas, mas também “democráticas”. Somente tendo como base esse trabalho é possível lutar com sucesso no interior dos sindicatos contra a burocracia reformista e, em particular, contra a burocracia stalinista. As tentativas sectárias de criar ou manter pequenos sindicatos “revolucionários” como uma segunda edição do partido significam, de fato, a renúncia à luta pela direção da classe operária. É necessário colocar aqui como um princípio inquebrantável: o autoisolamento capitulador fora dos sindicatos de massa, equivalente à traição da revolução, é incompatível com a militância na IV Internacional.

Ao mesmo tempo, a IV Internacional rejeita e condena resolutamente todo tipo de fetichismo sindical, próprio dos trade-unionistas e dos sindicalistas:

a) Os sindicatos não têm e não podem ter programa revolucionário acabado, em virtude de suas tarefas, de sua composição e do caráter de seu recrutamento e, por isso, não podem substituir o partido. A edificação de partidos revolucionários nacionais, seções da IV Internacional, é a tarefa central da época de transição.

b) Os sindicatos, mesmo os mais poderosos, não congregam mais de 20% a 25% da classe operária que, aliás, são suas camadas mais bem qualificadas

e melhor remuneradas. A maioria mais oprimida da classe operária só é levada à luta episodicamente, em momentos de um excepcional ascenso do movimento operário. Nesses momentos, é necessário criar organizações *ad hoc* que congreguem toda a massa em luta: os comitês de greve, os comitês de fábrica e, enfim, os soviets.

c) Enquanto organização das camadas superiores do proletariado, os sindicatos, como o testemunha toda a experiência histórica, compreendendo-se a recente experiência dos sindicatos anarcossindicalistas da Espanha, desenvolvem poderosas tendências à conciliação com o regime democrático burguês. Nos períodos agudos das lutas de classes, os aparelhos dirigentes dos sindicatos tendem a se apoderar do movimento de massas com o fim de neutralizá-lo. Isso já acontece em momentos de simples greves, sobretudo quando há greves de massas com ocupação de fábricas que abalam os princípios da propriedade burguesa. Em tempo de guerra ou de revolução, quando a situação da burguesia se torna particularmente difícil, os líderes sindicais tornam-se habitualmente ministros burgueses.

É por essas razões que as seções da IV Internacional devem se esforçar constantemente não apenas para renovar o aparelho dos sindicatos, propondo audaciosamente e resolutamente nos momentos críticos novos líderes prontos à luta no lugar dos

funcionários rotineiros e carreiristas, mas inclusive criar, em todas as ocasiões possíveis, organizações de combate autônomas que respondam melhor às tarefas da luta de massas contra a sociedade burguesa, sem vacilar até mesmo, caso seja necessário, em romper abertamente com o aparelho conservador dos sindicatos. Se é criminoso voltar as costas às organizações de massa em prol de ficções sectárias, não é menos criminoso tolerar passivamente a subordinação do movimento revolucionário das massas ao controle de camarilhas burocráticas declaradamente reacionárias ou conservadoras disfarçadas (“progressistas”). O sindicato não é um fim em si, mas somente um dos meios da marcha para a revolução proletária.



Comitês de fábrica

O movimento operário da época de transição não tem um caráter regular e equilibrado, mas febril e explosivo. As palavras de ordem, assim como as formas de organização, devem estar subordinadas a esse caráter do movimento. Fugindo da rotina como da peste, a direção deve estar de ouvidos atentos à iniciativa das próprias massas.

As greves com ocupação de fábricas (*sit-down strikes*), uma das mais recentes manifestações dessa iniciativa, escapam aos limites do regime capitalista “normal”. Independentemente das reivindicações dos grevistas, a ocupação temporária das empresas golpeia o ícone da propriedade capitalista. Toda greve com ocupação coloca na prática a questão de saber quem é o dono da fábrica: se o capitalista ou os operários.

Se a greve com ocupação suscita essa questão episodicamente, o comitê de fábrica confere a essa mesma questão uma expressão organizada. Eleito por todos os operários e empregados da empresa, o comitê da fábrica, cria de uma só vez, um contrapeso à vontade da administração.

À crítica que os reformistas fazem aos patrões de tipo antigo, os que se chamam “monarcas econômicos” (do gênero Ford), ao contrário dos “bons” exploradores “democráticos”, opomos a palavra de ordem de comitês de fábrica como centros de luta contra uns e outros.

Os burocratas dos sindicatos opor-se-ão, regra geral, à criação de comitês de fábrica, assim como se opõem a todo passo audacioso no caminho da mobilização das massas. Será, entretanto, tão mais fácil quebrar sua oposição quanto mais amplo for o movimento. Onde os operários da empresa, nos períodos “calmos”, já pertencem ao sindicato (*closed shop*), o comitê coincidirá, formalmente, com o órgão do sindicato, mas renovará a sua composição e ampliará suas funções. Entretanto, o principal significado dos comitês é o de se tornarem estados maiores de combate para as camadas operárias que o sindicato não é, geralmente, capaz de atingir. É, aliás, precisamente dessas camadas mais exploradas que sairão os destacamentos mais devotados à revolução.

Desde que o comitê aparece, estabelece-se de fato uma dualidade de poder na fábrica. Por sua própria essência, essa dualidade de poder manifesta uma

situação transitória, porque encerra em si própria dois regimes inconciliáveis: o regime capitalista e o regime proletário. O principal significado dos comitês de fábrica consiste, precisamente, no fato de abrir senão um período diretamente revolucionário, ao menos um período pré-revolucionário entre o regime burguês e o regime proletário. As ondas de ocupação de fábrica numa série de países comprovam, da melhor maneira, que a propaganda sobre os comitês de fábrica não é nem prematura nem artificial. Novas ondas desse gênero são inevitáveis num futuro próximo. É necessário abrir a tempo uma campanha em favor dos comitês de fábrica para não mais ser tomado de surpresa.



O “segredo comercial” e o controle operário da indústria

O capitalismo liberal, baseado sobre a livre concorrência e a liberdade de comércio, perdeu-se por completo no passado. O capitalismo monopolista, que o substituiu, não só foi incapaz de atenuar a anarquia do mercado como, ao contrário, conferiu a essa última um caráter particularmente convulsivo. A necessidade de um “controle” sobre a economia, de uma “direção” estatal para a indústria, de uma “planificação” é atualmente reconhecida, pelo menos em palavras, por quase todas as correntes do pensamento burguês e pequeno-burguês, do fascismo à social-democracia. Para os fascistas, trata-se, sobretudo, de uma pilhagem “planificada” do povo com fins militares. Os social-democratas procuram esvaziar o oceano da anarquia

com a colher de uma “planificação” burocrática. Os engenheiros e os professores escrevem artigos sobre a “tecnocracia”. Os governos democráticos chocam-se, nas suas covardes tentativas de “regulamentação”, com a sabotagem intransponível do grande capital.

A verdadeira relação entre exploradores e controladores “democráticos” é caracterizada do melhor modo pelo fato de que os senhores “reformadores”, tomados de santa emoção, param ao limiar dos trustes com seus “segredos” industriais e comerciais. Aqui reina o princípio da “não intervenção”. As contas entre o capitalista isolado e a sociedade constituem um segredo do capitalista: a sociedade nada tem a ver com isso. O “sigilo” comercial é sempre justificado, como na época do capitalismo liberal, pelos interesses da “concorrência”. Na realidade, os trustes não guardam segredos entre si. O sigilo comercial, na época atual, é uma conspiração constante do capital monopolista contra a sociedade. Os projetos de limitação do absolutismo dos “monarcas econômicos” permanecerão lamentáveis farsas, enquanto os proprietários privados dos meios sociais de produção puderem esconder dos produtores e dos consumidores as maquinações da exploração, da pilhagem, do engano. A abolição do “sigilo comercial” é o primeiro passo em direção a um verdadeiro controle sobre a indústria.

Os operários não possuem menos direitos que os capitalistas em conhecer os “segredos” da empresa, do truste, do ramo de indústria, de toda a economia

nacional em seu conjunto. Os bancos, a indústria pesada e os transportes centralizados devem ser os primeiros a serem submetidos à observação.

As tarefas mais imediatas do controle operário consistem em esclarecer quais são as rendas e as despesas da sociedade, a começar pela empresa isolada; determinar a verdadeira quota do capitalista individual e de todos os exploradores em conjunto na renda nacional; desmascarar os acordos de bastidores e as trapações dos bancos e trustes; revelar, enfim, diante de toda a sociedade, o assustador desperdício de trabalho humano que resulta da anarquia capitalista e da pura caça ao lucro.

Nenhum funcionário do Estado burguês tem condições de lavar a cabo esse trabalho, quaisquer que sejam os poderes de que esteja investido. O mundo inteiro observou a impotência do presidente Roosevelt e do presidente do conselho, Léon Blum, frente ao complô das “60 famílias” ou das “200” famílias. Para quebrar a resistência dos exploradores, é necessário a pressão do proletariado. Os comitês de fábrica, e somente eles, podem pôr em prática um verdadeiro controle sobre a produção, recrutando, na condição de conselheiros e não como “tecnocratas”, os especialistas honestos e devotados ao povo: contadores, estatísticos, engenheiros, pesquisadores etc.

A luta contra o desemprego, em particular, é inconcebível sem uma ampla e ousada organização de grandes obras públicas. Mas as grandes obras só podem, nessa ocasião, ter um significado durável e

progressista, tanto para a sociedade quanto para os próprios desempregados, se fizerem parte de um plano geral, concebido para certo número de anos.

Nos limites de tal plano, os operários reivindicarão a retomada do trabalho, por conta da sociedade, nas empresas privadas que forem fechadas em consequência da crise. O controle operário, em tais casos, será substituído pela administração direta dos operários.

A elaboração de um plano econômico, mesmo que elementar – do ponto de vista do interesse dos trabalhadores e não dos exploradores – é inconcebível sem controle operário, sem que os operários voltem seus olhos para todas as energias aparentes e veladas da economia capitalista. Os comitês de cada empresa devem eleger, em suas respectivas conferências, comitês de trustes, de ramos de indústrias, de regiões econômicas, enfim, de toda a indústria nacional em seu conjunto. Assim, o controle operário tornar-se-á a escola da economia planificada. Pela prática do controle, o proletariado preparar-se-á para dirigir diretamente a indústria nacionalizada quando tiver chegado a hora.

Aos capitalistas, principalmente os de pequena e média envergadura, que às vezes propõem abrir seus livros de contas diante dos operários – sobretudo para lhes mostrar a necessidade de diminuir os salários –, os operários devem responder que o que lhes interessa não é a contabilidade de falidos ou semifalidos isolados, mas a contabilidade de todos os exploradores. Os operários não podem nem querem adaptar seu nível

de vida aos interesses de capitalistas isolados e vítimas de seu próprio regime. A tarefa consiste em reconstruir todo o sistema de produção e distribuição sobre princípios mais racionais e mais dignos. Se a abolição do sigilo comercial é a condição necessária ao controle operário, esse controle é o primeiro passo no caminho da direção socialista da economia.



A expropriação de certos grupos capitalistas

O programa socialista da expropriação, isto é, da derrubada política da burguesia e da liquidação de seu domínio econômico, não deve, de nenhuma maneira, impedir-nos, no presente período de transição, de reivindicar, apresentando-se a ocasião, a expropriação de certos ramos da indústria entre os mais importantes para a existência nacional ou de certos grupos da burguesia entre os mais parasitários.

Assim, às dolorosas lamentações dos senhores democratas sobre a ditadura das “60 famílias” nos EUA ou das “200 famílias” na França, opomos a reivindicação de expropriação desses 60 ou 200 feudais capitalistas.

Exatamente da mesma forma, reivindicamos a expropriação das companhias monopolistas da indústria da guerra, das estradas de ferro, das mais importantes fontes de matérias-primas etc.

A diferença entre essas reivindicações e a vaga palavra de ordem reformista de “nacionalização” consiste em que:

- 1) rejeitamos a indenização;
- 2) prevenimos as massas contra os charlatões da Frente Popular que, pregando a nacionalização em palavras, continuam de fato agentes do capital;
- 3) conclamamos as massas a contar apenas com sua própria força revolucionária;
- 4) ligamos o problema da expropriação à questão do poder dos operários e camponeses.

A necessidade de lançar a palavra de ordem de expropriação na agitação cotidiana, de maneira fracionada, e não apenas do ponto de vista propagandístico, isto é, sob sua forma geral, decorre do fato de que os diversos ramos da indústria passam por diversos níveis de desenvolvimento, ocupam funções diversas na vida da sociedade e passam por diferentes estágios da luta de classes. Apenas o ascenso revolucionário geral do proletariado pode colocar a expropriação geral da burguesia na ordem do dia. O objetivo das reivindicações transitórias é preparar o proletariado a resolver esse problema.



A expropriação de certos bancos e a estatização do sistema de crédito

O imperialismo significa o domínio do capital financeiro. Ao lado dos consórcios e dos trustes, e frequentemente acima deles, os bancos concentram em suas mãos o comando real da economia. Na sua estrutura, os bancos refletem, sob forma concentrada, toda a estrutura do capitalismo contemporâneo: combinam tendências de monopólio com tendências de anarquia. Organizam milagres de técnica, empresas gigantescas, trustes poderosos; organizam também a carestia, as crises, o desemprego. Impossível dar um só passo sério na luta contra o despotismo dos monopólios e a anarquia capitalista, que se completam um ao outro em sua obra

de destruição, se deixamos os altos comandos dos bancos nas mãos dos abutres capitalistas.

A fim de realizar um sistema único de investimento e de crédito, segundo um plano racional que corresponda aos interesses do povo inteiro, é necessário fundir todos os bancos numa instituição única. Somente a expropriação dos bancos privados e a concentração de todo o sistema de crédito nas mãos do Estado colocarão à disposição desse os meios reais necessários, ou seja, materiais e não apenas fictícios e burocráticos, para a planificação econômica.

A expropriação dos bancos não significa, de nenhum modo, a expropriação dos pequenos depósitos bancários. Pelo contrário: para os pequenos depositantes, o banco único do Estado poderá criar condições mais favoráveis que os bancos privados. Da mesma maneira, apenas o banco do Estado poderá estabelecer para os pequenos agricultores, artesãos e pequenos comerciantes condições de crédito privilegiadas, isto é, baratas. Ainda mais importante, entretanto, é o fato de que toda a economia, sobretudo a indústria pesada e os transportes, dirigida por um único estado-maior financeiro, servirá aos vitais interesses dos operários e de todos os outros trabalhadores.

Entretanto, a estatização dos bancos só dará esses resultados favoráveis se o poder do próprio Estado passar inteiramente das mãos dos exploradores às mãos dos trabalhadores.



Os piquetes operários, os destacamentos de defesa, a milícia operária, o armamento do proletariado

As greves com ocupação de fábricas são a advertência mais séria da parte das massas endereçada não apenas à burguesia, mas também às organizações operárias, inclusive a IV Internacional. Em 1919-1920, os operários italianos apoderaram-se, por iniciativa própria, das empresas, assinalando, assim, a seus próprios “líderes” a chegada da revolução social. Os “líderes” não deram ouvidos a esse sinal.

O resultado foi a vitória do fascismo.

As greves com ocupação não são ainda a tomada das fábricas à maneira italiana, mas são um passo decisivo nesse caminho. A crise atual pode acentuar ao máximo o ritmo da luta de classes e precipitar o

desenlace. Não se deve, entretanto, acreditar que uma situação revolucionária apareça de uma só vez. Na realidade, sua aproximação será marcada por uma série de convulsões. A onda de greves com ocupação de fábricas é uma delas. A tarefa das seções da IV Internacional consiste em ajudar a vanguarda proletária a compreender o caráter geral e os ritmos de nossa época e de fecundar a tempo a luta das massas por intermédio de palavras de ordem cada vez mais resolutas e por medidas organizacionais de combate.

O aguçamento da luta do proletariado significa o aguçamento dos métodos de contra-ataque por parte do capital. As novas ondas de greve com ocupação de fábricas podem despertar, e despertarão infalivelmente, enérgicas contramedidas por parte da burguesia. O trabalho preparatório já está em curso nos estados-maiores dos trustes. Infelizes as organizações revolucionárias e o proletariado que, de novo, forem pegos de surpresa!

A burguesia de lugar algum se contenta em utilizar apenas a polícia e o exército oficiais. Nos Estados Unidos, mesmo nos períodos “calmos”, ela mantém destacamentos militarizados de pelegos e quadrilhas armadas particulares nas fábricas. É necessário acrescentar a isso, atualmente, os bandos de nazistas americanos. A burguesia francesa, à primeira aproximação do perigo, mobilizou os destacamentos fascistas semilegais e ilegais até no interior do exército oficial. Bastará que a pressão dos operários ingleses se fortaleça novamente para que imediatamente os bandos

de Lorde Mosley dobrem, tripliquem, decupliquem em número e iniciem uma cruzada sangrenta contra os operários. A burguesia dá-se claramente conta de que, na época atual, a luta de classes tende infalivelmente a se transformar em guerra civil. Os magnatas e os lacaios do capital aprenderam muito mais com os exemplos da Itália, da Alemanha, da Áustria, da Espanha e de outros países do que os líderes oficiais do proletariado.

Os políticos da II e da III Internacional, assim como os burocratas do sindicato, fecham conscientemente os olhos para o exército privado da burguesia; caso contrário, não poderiam manter sua aliança com ela vinte e quatro horas por dia. Os reformistas incutem sistematicamente nos operários a ideia de que a sacrossanta democracia está assegurada da melhor maneira quando a burguesia está armada até os dentes e os operários desarmados.

O dever da IV Internacional é acabar, de uma vez por todas, com essa política servil. Os democratas pequeno-burgueses – inclusive os sociais-democratas, os stalinistas e os anarquistas – tão mais fortemente gritam a respeito da luta contra o fascismo quanto mais covardemente capitulam diante dele na realidade. Aos bandos do fascismo, somente podem se opor com sucesso destacamentos de operários armados que sintam atrás de si o apoio de dezenas de milhões de trabalhadores. A luta contra o fascismo começa não na redação de um jornal liberal, mas na fábrica, e termina na rua. Os pelegos e os guardas particulares nas

fábricas são as células fundamentais do exército do fascismo. Os piquetes operários de greve são as células fundamentais do exército do proletariado. É de lá que é necessário partir. Por ocasião de cada greve e de cada manifestação de rua, é necessário propagar a ideia da necessidade da criação de destacamentos operários de autodefesa. É necessário inscrever essa palavra de ordem no programa da ala revolucionária dos sindicatos. É necessário formar, na prática, os destacamentos de autodefesa em todo o lugar onde for possível, a começar pelas organizações de jovens, e instruí-los no manejo das armas.

A nova onda do movimento de massas deve servir não somente para aumentar o número de tais destacamentos, mas ainda para unificá-los por bairros, cidades, regiões. É necessário dar uma expressão organizada ao ódio legítimo dos operários pelos pelegos e bandos de gangsters e de fascistas. É necessário lançar a palavra de ordem de milícia operária como única garantia séria para a inviolabilidade de organizações, reuniões e imprensa operárias.

É somente graças a um trabalho sistemático, perseverante, infatigável e corajoso trabalho de agitação e organização, sempre ligado à experiência das próprias massas, que é possível extirpar de sua consciência as tradições de docilidade e passividade; formar destacamentos de combates heroicos, capazes de dar o exemplo a todos os trabalhadores; infringir uma série de derrotas táticas aos bandos da contrarrevolução; aumentar a confiança dos

explorados em si mesmos; desacreditar o fascismo aos olhos da pequena burguesia e abrir o caminho da conquista do poder pelo proletariado.

Engels definia o Estado como “destacamentos de pessoas armadas”. O armamento do proletariado é o elemento constituinte indispensável de sua luta emancipadora. Quando o proletariado o quiser, encontrará os caminhos e os meios de se armar. A direção, também nesse domínio, incumbe naturalmente as seções da IV Internacional.



A aliança entre operários e camponeses

O operário agrícola é, no campo, o irmão de armas e o equivalente do operário da indústria. São duas partes de uma só e mesma classe. Seus interesses são inseparáveis. O programa das reivindicações transitórias dos operários industriais é também, com tais ou quais mudanças, o programa do proletariado agrícola.

Os camponeses (sitiantes, pequenos proprietários) representam outra classe: é a pequena burguesia do campo. A pequena burguesia compõe-se de camadas diversas, desde os semiproletários até os exploradores. É por isso que a tarefa política do proletariado industrial consiste em fazer a luta de classes penetrar no campo. Somente assim poderá separar seus aliados de seus inimigos.

As particularidades do desenvolvimento nacional de cada país encontram sua expressão mais aguda na situação dos camponeses e, parcialmente, da pequena burguesia urbana (artesãos e comerciantes), porque essas classes, por numerosos que sejam aqueles que a compõem, representam, em sua essência, sobrevivências de formas pré-capitalistas de produção. As seções da IV Internacional devem, sob a forma mais concreta possível, elaborar programas de reivindicações transitórias para os camponeses (pequenos proprietários) e a pequena burguesia urbana, correspondentes às condições de cada país. Os operários de vanguarda devem aprender a dar respostas claras e concretas às questões de seus futuros aliados.

Enquanto o camponês for um pequeno produtor “independente”, haverá necessidade de crédito barato, de preços acessíveis para máquinas agrícolas e adubos, de condições favoráveis de transporte e de uma organização honesta de escoamento dos produtos agrícolas. Entretanto, os bancos, os negociantes e trustes pilham o camponês de todos os lados. Somente os próprios camponeses, com a ajuda dos operários, podem pôr um freio nessa pilhagem. É necessário que entrem em cena os comitês de pequenos lavradores que, junto com os comitês operários e os comitês de funcionários de banco, devem tomar nas mãos o controle das operações de transporte, de crédito e de comércio que interessam à agricultura.

Invocando mentirosamente as exigências “excessivas” dos operários, a grande burguesia transforma

habilmente a questão dos preços das mercadorias numa cunha que ela logo crava entre os operários e camponeses, entre os operários e a pequena burguesia das cidades. O camponês, o artesão e o pequeno comerciante – diferentemente do operário, do empregado e do pequeno funcionário público – não podem reivindicar um aumento de salário de acordo com o aumento dos preços. A luta burocrática oficial contra a carestia serve apenas para enganar as massas. Os camponeses, os artesãos e os comerciantes devem, entretanto, na condição de consumidores, imiscuírem-se ativamente, de mãos dadas com os operários, na política de preços. Às lamentações dos capitalistas sobre os custos da produção, do transporte e do comércio, os consumidores responderão: “mostrem-nos seus livros; nós exigimos o controle sobre a política dos preços”. Como órgãos desse controle, deve-se colocar os comitês de vigilância dos preços, formados por delegados de fábricas, de sindicatos, de cooperativas, de organizações de camponeses, da “gente miúda” das cidades, de donas de casa etc.

Nesse caminho, os operários saberão mostrar aos camponeses que a causa dos preços elevados não reside nos altos salários, mas nos lucros desmedidos dos capitalistas e nos desperdícios da anarquia capitalista.

O programa de nacionalização da terra e de coletivização da agricultura deve ser elaborado de modo que exclua radicalmente a ideia de expropriação dos

pequenos camponeses ou de sua coletivização forçada. O camponês continuará proprietário de seu lote de terra enquanto ele próprio achar necessário e possível. Para reabilitar o programa socialista aos olhos dos camponeses, é necessário denunciar, impiedosamente, os métodos stalinistas de coletivização ditados pelos interesses da burocracia e não pelos interesses dos camponeses ou dos operários.

A expropriação dos expropriadores não significa, também, o confisco forçado da propriedade dos pequenos artesãos e dos pequenos lojistas. Ao contrário, o controle operário sobre os bancos e os trustes e, com maior razão a nacionalização dessas empresas, pode criar para a pequena burguesia urbana condições de crédito, de compra e de venda incomparavelmente mais favoráveis que sob a dominação ilimitada dos monopólios. A dependência do capital privado será substituída pela dependência do Estado, que dará tanto mais atenção a seus pequenos colaboradores e agentes quanto mais firmemente os trabalhadores mantiverem o Estado em suas mãos.

A participação prática dos camponeses explorados no controle dos diversos campos da economia permitirá aos próprios camponeses resolverem a questão de saber se é vantajoso ou não passar ao trabalho coletivo da terra, em que prazos e em que escala. Os operários da indústria comprometem-se a darem, nesse sentido, toda sua colaboração aos camponeses: por intermédio dos sindicatos, dos comitês de fábrica e, sobretudo, do governo operário e camponês.

A aliança que o proletariado propõe, não às “classes médias” em geral, mas às camadas exploradas da pequena burguesia da cidade e do campo, contra todos os exploradores, incluindo os exploradores “médios”, não pode ser fundamentada sobre a coação, mas somente sobre um acordo voluntário, que deve ser consolidado num “pacto” especial. Esse pacto é, precisamente, o programa das reivindicações transitórias, livremente aceito pelas duas partes.



A luta contra o imperialismo e contra a guerra

Toda situação mundial e, conseqüentemente, também a vida política interna dos diversos países se encontram sob a ameaça da guerra mundial. A catástrofe iminente já angustia até as massas mais profundas da humanidade.

A II Internacional repete sua política de traição de 1914 com tanto maior segurança quanto a Internacional “Comunista” ocupa, atualmente, o papel de primeiro violino do chauvinismo. Desde que o perigo da guerra tomou um aspecto concreto, os stalinistas, ultrapassando de longe os pacifistas burgueses e pequeno-burgueses, tomaram-se os arautos da pretensa “defesa nacional”. Eles fazem exceção apenas aos países fascistas, ou seja, naqueles

onde não representam nenhum papel. A luta revolucionária contra a guerra recai, assim, inteiramente sobre os ombros da IV Internacional.

A política dos bolchevique-leninistas sobre essa questão foi formulada nas teses programáticas do Secretariado Internacional, que conservam, ainda hoje, toda sua força (“A IV Internacional e a Guerra”, 1º de maio de 1934)⁵. O sucesso do partido revolucionário no próximo período dependerá, antes de tudo, de sua política a respeito da questão da guerra. Uma política correta é constituída por dois elementos: uma atitude irreconciliável quanto ao imperialismo e suas guerras e uma aptidão para basear-se na experiência das próprias massas.

Na questão da guerra, mais do que em qualquer outra, a burguesia e seus agentes enganam o povo com abstrações, fórmulas gerais, frases patéticas: “neutralidade”, “segurança coletiva”, “armamento para a defesa da paz”, “defesa nacional”, “luta contra o fascismo” etc. Todas essas fórmulas se reduzem, no final das contas, à questão de que a guerra, isto é, a sorte dos povos, deve continuar nas mãos dos imperialistas, de seus governos, de sua diplomacia, de seus estados-maiores, com todas suas intrigas e todos seus complôs contra os povos.

⁵ Tais teses, em quantidade limitada, podem ser adquiridas através da administração do “Boletim da Oposição” (ao preço de cinco francos).

A IV Internacional rejeita com indignação todas as abstrações que representam para os democratas o mesmo papel que para os fascistas, a “honra”, o “sangue”, a “raça”. No entanto, a indignação não basta. É necessário ajudar as massas por intermédio de critérios, de palavras de ordem, de reivindicações transitórias a distinguir entre a realidade concreta e essas abstrações fraudulentas.

“Desarmamento”? Mas todo o problema se resume em saber quem desarmará e quem será desarmado. O único desarmamento que pode prevenir ou pôr um fim à guerra é o desarmamento da burguesia pelos operários. Para desarmar a burguesia, contudo, é necessário que os próprios operários tenham se armado.

“Neutralidade”? Mas o proletariado não é absolutamente neutro numa guerra entre o Japão e a China ou entre a Alemanha e a URSS. Isso significa a defesa da China e da URSS? Evidentemente, mas não pelas mãos dos imperialistas que estrangularam a China e a URSS.

“Defesa da pátria”? Mas, por essa abstração, a burguesia entende a defesa de seus lucros e de suas pilhagens. Estamos prontos a defender a pátria contra os capitalistas estrangeiros se antes imobilizarmos nossos próprios capitalistas e os impedirmos de atacar a pátria de outrem; se os operários e camponeses de nosso país se tornarem seus verdadeiros senhores; se as riquezas do país passarem das mãos de ínfima minoria para as mãos do povo; se o exército se transformar de instrumento dos exploradores a instrumento dos explorados.

É necessário saber traduzir essas ideias fundamentais para ideias mais particulares e mais concretas segundo o avanço dos acontecimentos e a orientação do estado de espírito das massas. É necessário, além disso, distinguir rigorosamente entre o pacifismo do diplomata, do professor, do jornalista e o pacifismo do carpinteiro, do operário agrícola ou da lavadeira. No primeiro desse caso, o pacifismo é a cobertura do imperialismo. No segundo, a expressão confusa da desconfiança diante do imperialismo.

Quando o pequeno camponês ou o operário falam de defesa da pátria, falam da defesa de sua casa, de sua família e da família de outrem contra a invasão, contra as bombas, contra os gases asfixiantes. O capitalista e seu jornalista entendem por defesa da pátria a conquista de colônias e mercados, a expansão extorsiva da parte “nacional” da renda mundial. O pacifismo e o patriotismo burgueses são mentiras completas. No pacifismo e no patriotismo dos oprimidos, há um núcleo progressista ao qual é necessário saber se agarrar para tirar as conclusões revolucionárias necessárias. É necessário saber empurrar essas duas formas de pacifismo e de patriotismo até um choque hostil entre si.

Partindo dessas considerações, a IV Internacional apoia toda reivindicação, mesmo que parcial, que seja capaz de conduzir as massas, ainda que insuficientemente, à política ativa, despertar sua crítica e reforçar seu controle sobre as maquinações da burguesia.

É desse ponto de vista que nossa seção americana, por exemplo, apoia criticamente a proposta da instituição de um referendo sobre a questão da declaração de guerra. Nenhuma reforma democrática pode, bem entendido, impedir por si mesma, os governos de provocar a guerra quando o queiram. É necessário explicar isso abertamente. Mas, quaisquer que sejam as ilusões das massas em relação ao referendo, essa reivindicação reflete a desconfiança dos operários e camponeses em relação ao governo e ao parlamento da burguesia. Sem apoiar ou conservar as ilusões, é necessário apoiar com todas nossas forças a desconfiança progressista dos oprimidos com relação aos opressores. Quanto mais crescer o movimento pelo referendo mais cedo os pacifistas burgueses dele se separarão, mais profundamente se encontrarão desacreditados os traidores da Internacional “Comunista”, mais aguçada se tomará a desconfiança dos trabalhadores em relação aos imperialistas.

É desse mesmo ponto de vista que é necessário lançar a reivindicação do direito de voto aos 18 anos para os homens e mulheres. Aquele que amanhã será chamado a morrer pela “pátria” deve ter o direito de se fazer ouvir hoje. A luta contra a guerra deve começar, antes de tudo, pela mobilização revolucionária da juventude.

O problema da guerra precisa ser esclarecido sob todos os aspectos conforme o lado a partir do qual, em dado momento, ele atinge as massas.

A guerra é uma gigantesca empresa comercial, sobretudo para a indústria bélica. É por isso que as “60 famílias” são as primeiras patriotas e as principais provocadoras da guerra. O controle operário sobre a indústria da guerra é o primeiro passo na luta contra os fabricantes de guerras.

À palavra de ordem dos reformistas – imposto sobre os lucros da guerra –, nós contrapomos as palavras de ordem: confisco dos lucros de guerra e expropriação das empresas que pertencem à indústria bélica. No país em que a indústria bélica está “nacionalizada”, como na França, a palavra de ordem de controle operário conserva toda sua força: o proletariado deve ter tão pouca confiança no Estado burguês quanto no burguês individualmente.

Nem um homem, nem um centavo para o governo burguês! Nenhum programa de armamentos, mas um programa de obras de utilidade pública!

Independência completa das organizações operárias com relação ao controle militar e policial!

É necessário arrancar, de uma vez por todas, a livre disposição do destino dos povos das mãos das camarilhas imperialistas, ávidas e impiedosas, que agem por trás das costas dos povos.

De acordo com isso, reivindicamos:

- abolição completa da diplomacia secreta; todos os tratados e acordos devem ser acessíveis a cada operário e a cada camponês;

- instrução militar e armamento dos operários e camponeses sob controle imediato dos comitês de operários e camponeses;
- criação de escolas militares para a formação de oficiais vindos das fileiras dos trabalhadores, escolhidos pelas organizações operárias;
- substituição do exército permanente, isto é, de quartel, por uma milícia popular em união indissolúvel com as fábricas, minas, fazendas etc.

A guerra imperialista é a continuação e o exacerbação da política de pilhagem da burguesia; a luta do proletariado contra a guerra é a continuação e o agravamento de sua luta de classe. O advento da guerra muda a situação e, parcialmente, os processos de luta entre as classes, mas não muda nem seus fins nem sua direção fundamental.

A burguesia imperialista domina o mundo. É por isso que a próxima guerra, em seu caráter essencial, será uma guerra imperialista. O conteúdo decisivo da política do proletariado internacional será, conseqüentemente, a luta contra o imperialismo e suas guerras. O princípio básico dessa luta será: “o principal inimigo está em nosso próprio país” ou “a derrota de nosso próprio governo (imperialista) é o mal menor”.

Nem todos os países do mundo, no entanto, são imperialistas. Ao contrário, a maioria dos países são

vítimas do imperialismo. Certos países coloniais ou semicoloniais tentarão, indubitavelmente, usar a guerra para se livrar do jugo da escravidão. No que lhes concerne, a guerra não será imperialista, mas emancipadora. O dever do proletariado internacional será ajudar os países oprimidos em guerra contra seus opressores. Esse mesmo dever estende-se também à URSS ou a outro Estado operário que possa surgir antes da guerra ou durante. A derrota de todo governo imperialista na luta contra um Estado operário ou um país colonial é o mal menor.

Os operários de um país imperialista não podem, entretanto, ajudar um país anti-imperialista por intermédio de seu governo, quaisquer que sejam, em dado momento, as relações diplomáticas e militares entre os dois países. Se os governos se encontram em aliança temporária e, no fundo, incerta, o proletariado do país imperialista deve continuar em oposição de classe a seu governo e apoiar o “aliado” não imperialista desse por seus próprios meios, ou seja, pelos métodos da luta de classes internacional (agitação em favor do Estado operário e do país colonial, não somente contra seus inimigos, mas também contra seus pérfidos aliados: boicote e greve em certos casos, recusa ao boicote e à greve em outros etc.).

Ao mesmo tempo em que apoia um país colonial ou a URSS na guerra, o proletariado não deve se solidarizar, no que quer que seja, com o governo burguês do país colonial nem com a burocracia termidoriana da URSS. Ao contrário, deve manter

sua completa independência política em relação a ambos. Ajudando uma guerra justa e progressiva, o proletariado revolucionário conquista a simpatia dos trabalhadores das colônias e da URSS e, desse modo, consolida nesses países a autoridade e a influência da IV Internacional, podendo colaborar melhor para a derrubada do governo burguês no país colonial e da burocracia reacionária na URSS.

No início da guerra, as seções da IV Internacional sentir-se-ão inevitavelmente isoladas: cada guerra pega as massas populares de surpresa e as empurra para o lado do aparelho governamental. Os internacionalistas deverão nadar contra a corrente.

Entretanto, as devastações e desastres da nova guerra, que desde os primeiros meses ultrapassarão de longe os horrores sangrentos de 1914-1918, trarão lucidez às massas. Seu descontentamento e revolta crescerão aos saltos. As seções da IV Internacional encontrar-se-ão à cabeça do fluxo revolucionário. O programa de reivindicações transitórias adquirirá uma candente atualidade. O problema da conquista do poder pelo proletariado erguer-se-á em toda sua plenitude.

Antes de sufocar ou afogar a humanidade em sangue, o capitalismo envenena a atmosfera mundial com os vapores deletérios do ódio nacional e racial. O antissemitismo é atualmente uma das convulsões mais malignas da agonia do capitalismo.

A denúncia intransigente dos preconceitos de raça e de todas as formas e nuances da arrogância e

do patriotismo nacionais, em particular do antissemitismo, deve se incorporar ao trabalho cotidiano de todas as seções da IV Internacional como o principal trabalho de educação na luta contra o imperialismo e contra a guerra. Nossa palavra de ordem fundamental continua sendo:

“Proletários de todos os países, uni-vos!”



O governo operário e camponês

A fórmula de “governo operário e camponês” surgiu, pela primeira vez, em 1917, na agitação dos bolcheviques, e foi definitivamente admitida após a insurreição de outubro. Ela representava, naquele caso, nada mais do que uma denominação popular da já estabelecida ditadura do proletariado. A importância dessa denominação consistia, sobretudo, no fato de que colocava em primeiro plano a ideia da aliança entre o proletariado e o campesinato, determinada sob os fundamentos do poder soviético.

Quando a Internacional Comunista dos epígonos tentou ressuscitar a fórmula de “ditadura democrática dos operários e camponeses” enterrada pela história, ela conferiu à reivindicação de “governo operário e

camponês” um conteúdo completamente diverso, puramente “democrático”, ou seja, burguês, opondo-a à ditadura do proletariado. Os bolcheviques-leninistas rejeitaram resolutamente a palavra de ordem de “governo operário e camponês” em sua interpretação democrático-burguesa. Afirmaram e afirmam que, se o partido do proletariado renuncia a transpor os limites da democracia burguesa, sua aliança com o campesinato reduzir-se-á simplesmente a sustentáculo do capital, como foi o caso dos mencheviques e socialistas-revolucionários em 1917, como foi o caso do Partido Comunista chinês, em 1925-27, como se passa atualmente com as Frentes Populares da Espanha, da França e de outros países.

De abril a setembro de 1917, os bolcheviques exigiam dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques que rompessem com a burguesia liberal e tomassem o poder em suas próprias mãos. Sob essa condição, os bolcheviques prometiam aos mencheviques e aos socialistas-revolucionários, representantes pequeno-burgueses dos operários e dos camponeses, sua ajuda revolucionária contra a burguesia, recusando-se, entretanto, categoricamente, tanto a entrar no governo dos mencheviques e dos socialistas-revolucionários quanto a carregar a responsabilidade política por tal governo. Se os mencheviques e os socialistas-revolucionários tivessem realmente rompido com os cadetes (liberais – Partido Constitucional Democrata) e com o imperialismo estrangeiro, o “governo operário e camponês” criado

por eles só teria facilitado e acelerado a instauração da ditadura do proletariado. Mas é precisamente por essa razão que as cúpulas da democracia pequeno-burguesa se opuseram com todas as suas forças à instauração de seu próprio governo. A experiência da Rússia demonstrou novamente, e a experiência da Espanha e da França o confirma, que, mesmo em condições muito favoráveis, os partidos da democracia pequeno-burguesa (socialistas-revolucionários, sociais-democratas, stalinistas, anarquistas etc.) são incapazes de criar um governo operário e camponês, ou seja, um governo independente da burguesia.

Entretanto, a reivindicação dos bolcheviques endereçada aos mencheviques e socialistas-revolucionários – “rompam com a burguesia, tomem em suas mãos o poder” – tinha, para as massas, um enorme valor educativo. A obstinada falta de vontade dos mencheviques e socialistas-revolucionários de tomar o poder, que se revelou tão tragicamente nas jornadas de julho, arruinou-os definitivamente no espírito do povo e preparou a vitória dos bolcheviques.

A tarefa central da IV Internacional consiste em libertar o proletariado da velha direção, cujo conservantismo se encontra em contradição completa com a situação catastrófica da desintegração do capitalismo e constitui o principal obstáculo ao progresso histórico. A principal acusação que a IV Internacional lança contra as organizações tradicionais do proletariado é a de que elas não querem se separar do semicadáver da burguesia.

Nessas condições, a reivindicação endereçada sistematicamente à velha direção – “Rompam com a burguesia, tomem o poder!” – é um instrumento extremamente importante para desvendar o caráter traidor dos partidos e organizações da II e III Internacional, assim como da Internacional de Amsterdã.

A palavra de ordem de “governo operário camponês” é empregada por nós unicamente no sentido que teve em 1917 na boca dos bolcheviques, isto é, como uma palavra de ordem antiburguesa e anticapitalista, mas de nenhum modo no sentido “democrático” que lhes deram mais tarde os epígonos, fazendo dela, que era uma ponte em direção à revolução socialista, a principal barreira nesse caminho.

A todos os partidos e organizações que se apoiam nos operários e nos camponeses e falam em seu nome, nós exigimos que rompam politicamente com a burguesia e entrem no caminho da luta pelo governo operário e camponês. Nesse caminho, prometemos um apoio completo contra a reação capitalista. Paralelamente, desenvolvemos uma incansável agitação em torno às reivindicações transitórias que deverão, do nosso ponto de vista, constituir o programa do “governo operário e camponês”.

É possível a criação de tal governo pelas organizações operárias tradicionais? A experiência anterior mostra-nos, como já vimos, que isso é, pelo menos, pouco provável. Entretanto, não se deve negar categórica e antecipadamente a possibilidade teórica de que, sob a influência de uma combinação de cir-

cunhâncias excepcionais (guerra, derrota, quebra financeira, ofensiva revolucionária das massas etc.), os partidos pequeno-burgueses, incluídos aí os stalinistas, possam ir mais longe do que queriam no caminho da ruptura com a burguesia. Em todo o caso, uma coisa está fora de dúvida: se mesmo essa variante pouco provável se realizasse um dia em algum lugar, e um “governo operário e camponês”, no sentido acima indicado, fosse estabelecido de fato, ele somente representaria um curto episódio em direção à verdadeira ditadura do proletariado.

É, entretanto, inútil perder-se em conjecturas. A agitação sobre a palavra de ordem de “governo operário e camponês” guarda, em todas as condições, um enorme valor educativo. E não é por acaso: essa palavra de ordem generalizadora segue absolutamente a linha do desenvolvimento político de nossa época (bancarrota e desagregação dos velhos partidos burgueses, falência da democracia, ascensão do fascismo, aspiração crescente dos trabalhadores a uma política mais ativa e mais ofensiva). É por isso que cada uma de nossas reivindicações transitórias deve conduzir sempre à mesma conclusão política: os operários devem romper com todos os partidos tradicionais da burguesia para estabelecer, junto com os camponeses, seu próprio poder.

É impossível prever quais serão as etapas concretas da mobilização revolucionária das massas. As seções da IV Internacional devem se orientar de maneira crítica a cada nova etapa e lançar palavras

de ordem que impulsionem a tendência dos operários a uma política independente, aprofundando o caráter de classe dessa política, destruindo as ilusões reformistas e pacifistas, reforçando a união da vanguarda com as massas e preparando a tomada revolucionária do poder.



Os sovietes

Os comitês de fábrica são, como foi dito, um elemento de dualidade de poder na fábrica. É por isso que sua existência só é concebível quando há uma pressão crescente das massas. O mesmo acontece com os agrupamentos especiais de massa para a luta contra a guerra, com os comitês de vigilância de preços e com todos os outros centros novos do movimento cuja própria aparição testemunha que a luta de classes ultrapassou os limites das organizações tradicionais do proletariado.

Entretanto, esses novos órgãos e centros sentirão logo sua falta de coesão e sua insuficiência. Nenhuma das reivindicações transitórias pode ser completamente realizada com a manutenção do regime burguês.

Ao mesmo tempo, o aprofundamento da crise social aumentará não somente os sofrimentos das massas, mas também sua impaciência, sua firmeza, seu espírito de ofensiva. Camadas sempre renovadas de oprimidos levantarão a cabeça e lançarão suas reivindicações. Milhões de trabalhadores em quem os chefes reformistas nunca pensam começarão a bater às portas das organizações operárias. Os desempregados chegarão até o movimento. Os operários agrícolas, os camponeses arruinados ou semiarruinados, as camadas proletarizadas da intelligentsia, as camadas inferiores da cidade, as trabalhadoras, as donas de casa, todos procurarão um agrupamento e uma direção.

Como harmonizar as diversas reivindicações e formas de luta, mesmo que seja apenas nos limites de uma cidade? A história já respondeu a essa pergunta: em conselhos (soviets) que reúnem representantes de todos os grupos em luta. Ninguém propôs, até agora, outra forma de organização, e é duvidoso que se possa inventá-la. Os conselhos não estão unidos por nenhum programa *a priori*. Abrem suas portas a todos os explorados. Por essa porta, passam os representantes de todas as camadas que são levadas na torrente geral da luta. A organização amplia-se com o movimento e nele encontra continuamente sua renovação. Todas as correntes políticas do proletariado podem lutar pela direção dos conselhos com base na mais ampla democracia. Essa é a razão pela qual a palavra de ordem de soviets é o coroamento do programa de reivindicações transitórias.

Os conselhos só podem nascer onde o movimento das massas entra num estágio abertamente revolucionário. Como pivô em torno do qual se unem dezenas de milhões de trabalhadores na luta contra os exploradores, os conselhos, desde o momento de sua aparição, tornam-se os rivais e os adversários das autoridades locais e, em seguida, do próprio governo central. Se o comitê de fábrica cria elementos de dualidade de poder na fábrica, os conselhos abrem um período de dualidade de poder no país.

A dualidade de poder é, por sua vez, o ponto culminante do período de transição. Dois regimes, o regime burguês e o regime proletário, opõem-se hostilmente um ao outro. O choque entre eles é inevitável. Do resultado desse choque depende a sorte da sociedade. No caso de derrota da revolução, a ditadura fascista da burguesia. No caso de vitória, o poder dos conselhos, isto é, a ditadura do proletariado e a reconstrução socialista da sociedade.



Os países atrasados e o programa de reivindicações transitórias

Os países coloniais e semicoloniais são, por sua própria natureza (essência), países atrasados. Mas esses países atrasados vivem em condições de domínio mundial do imperialismo. É por isso que seu desenvolvimento tem um caráter combinado: reúne em si as formas econômicas mais primitivas e a última palavra da técnica e da civilização capitalista. É isso que determina a política do proletariado dos países atrasados: ele é obrigado a combinar a luta pelas tarefas mais elementares da independência nacional e da democracia burguesa com a luta socialista contra o imperialismo mundial. Nessa luta, as palavras de ordem democráticas, as reivindicações transitórias e as tarefas da revolução socialista não estão separadas

em épocas históricas distintas, mas decorrem umas das outras. Mal havia iniciado a construção de sindicatos, o proletariado chinês foi obrigado a pensar nos conselhos. É nesse sentido que o presente programa é plenamente aplicável aos países coloniais e semicoloniais; pelo menos àqueles onde o proletariado já é capaz de possuir uma política independente.

Os problemas centrais desses países coloniais e semicoloniais são: a revolução agrária, isto é, a liquidação da herança feudal, e a independência nacional, isto é, a derrubada do jugo imperialista. Essas duas tarefas estão estreitamente ligadas uma a outra.

Não se deve rejeitar pura e simplesmente o programa democrático: é necessário que as próprias massas ultrapassem esse programa na luta. A palavra de ordem de assembleia nacional (ou constituinte) conserva toda sua força em países como a China ou a Índia. É necessário ligar, indissolúvelmente, essa palavra de ordem às tarefas de emancipação nacional e da reforma agrária. É necessário, antes de mais nada, armar os operários com esse programa democrático. Somente eles poderão levantar e unir os camponeses. Baseados no programa democrático e revolucionário, é necessário opor os operários à burguesia “nacional”.

Em certa etapa da mobilização das massas sob as palavras de ordem da democracia revolucionária, os conselhos podem e devem aparecer. Seu papel histórico em cada período determinado, em particular suas relações com a assembleia nacional, é definido pelo nível político do proletariado, pela união entre eles e a

classe camponesa e pelo caráter da política do partido proletário. Cedo ou tarde os conselhos devem derrubar a democracia burguesa. Somente eles são capazes de levar a revolução democrática até o fim e, assim, abrir a era da revolução socialista.

O peso relativo das diversas reivindicações democráticas na luta do proletariado, suas mútuas relações e sua ordem de sucessão estão determinados pelas particularidades e pelas condições próprias de cada país atrasado, em particular pelo grau de seu atraso. Entretanto, a direção geral do desenvolvimento revolucionário pode ser determinada pela fórmula da revolução permanente no sentido que lhe foi definitivamente dado pelas três revoluções na Rússia (1905; fevereiro de 1917; outubro de 1917).

A Internacional “Comunista” ofereceu aos países atrasados o exemplo clássico da maneira pela qual se pode arruinar uma revolução promissora e cheia de forças. No momento do impetuoso ascenso do movimento de massas na China, em 1925-1927, a Internacional Comunista não lançou a palavra de ordem de assembleia nacional e, ao mesmo tempo, proibiu a formação de conselhos. O partido burguês Kuomintang deveria, segundo o plano de Stalin, “tomar o lugar” da assembleia nacional e dos soviets ao mesmo tempo. Após o esmagamento das massas pelo Kuomintang, a Internacional Comunista organizou, em Cantão, uma caricatura de conselho. Após o fracasso inevitável da insurreição de Cantão, a IC encaminhou-se para a guerra de guerrilhas e para os

conselhos camponeses diante de uma completa passividade do proletariado industrial. Chegando desse modo a um impasse, a IC aproveitou a ocasião da guerra sino-japonesa para liquidar, com uma canetada, a “China soviética”, subordinando não apenas o Exército Vermelho camponês, mas também o partido supostamente “comunista”, ao próprio Kuomintang, isto é, à burguesia.

Após ter traído a revolução proletária internacional em nome da amizade com os escravistas “democráticos”, a IC não podia deixar de trair igualmente a luta emancipadora dos povos coloniais com um cinismo, aliás, ainda maior do que já havia feito antes dela a II Internacional. Uma das tarefas da política das frentes populares e da “defesa nacional” é transformar centenas de milhões de homens da população colonial em carne de canhão para o imperialismo “democrático”. A bandeira da luta emancipadora dos povos coloniais e semicoloniais, isto é, de mais da metade da humanidade, passou definitivamente para as mãos da IV Internacional.



O programa de reivindicações transitórias nos países fascistas

Os dias em que os estrategistas da IC proclamaram que a vitória de Hitler era apenas um passo em direção à vitória de Thälmann estão bem distantes. Thälmann está nas prisões de Hitler há cinco anos. Mussolini mantém a Itália aprisionada ao fascismo há mais de dezesseis anos. Durante todo esse tempo, os partidos da II e III Internacional foram impotentes não apenas para despertar um movimento de massas, mas inclusive para criar uma organização ilegal séria, comparável, mesmo que de longe, aos partidos revolucionários russos da época do czarismo.

Não há a menor razão para ver a causa dessas derrotas no poderio da ideologia fascista. Mussolini. Na verdade, nunca teve a menor ideologia. A “ideologia”

de Hitler nunca conquistou seriamente os operários. As camadas da população nas quais a embriaguez do fascismo, em certo momento, subiu à cabeça, sobretudo as classes médias, já tiveram tempo para se desembriagarem. Se, apesar de tudo, uma oposição, mesmo que pouco notável, limita-se aos meios clericais, protestantes e católicos, a causa não se encontra na força das teorias semidelirantes, semi-charlatanescas da “raça” e do “sangue”, mas na falência estarrecedora das ideologias da democracia, da social-democracia e da Internacional Comunista.

Depois do esmagamento da Comuna de Paris, uma reação sufocante durou cerca de oito anos. Após a derrota da Revolução Russa de 1905, as massas operárias se mantiveram entorpecidas por quase o mesmo período de tempo. Entretanto, nesses dois casos, tratava-se apenas de derrotas físicas, determinadas pela correlação de forças. Na Rússia, tratava-se, além disso, de um proletariado quase virgem. A fração dos bolcheviques contava, então, com apenas três anos de idade. A situação era completamente diferente da Alemanha, onde a direção pertencia a poderosos partidos, contando um deles com 70 anos de existência, e o outro com cerca de 15. Esses dois partidos, que possuíam milhões de eleitores, encontraram-se moralmente paralisados antes da luta e renderam-se sem combater. Jamais houve na História semelhante catástrofe. O proletariado alemão não foi derrotado pelo inimigo num combate: foi abatido pela covardia, abjeção e traição de seus

próprios partidos. Não é de se espantar que tenha perdido a fé em tudo o que estava habituado a crer há quase três gerações. A vitória de Hitler, por sua vez, reforçou Mussolini.

O insucesso real do trabalho revolucionário na Itália e na Alemanha não é nada mais do que o acerto de contas da política criminoso da social-democracia e da IC. Para se levar a cabo um trabalho ilegal, não basta simplesmente a simpatia das massas. É necessário, também, o entusiasmo sincero de suas camadas avançadas. Seria possível, porém, esperar pelo entusiasmo por organizações historicamente falidas? Os dirigentes emigrados são, na maioria, agentes do Kremlin e da GPU, desmoralizados até a medula dos ossos, ou antigos ministros social-democratas da burguesia que esperam, por algum milagre, que os operários lhes devolvam seus postos perdidos. Pode-se imaginar, por um só instante, esses senhores no papel de líderes da futura revolução “antifascista”?

Tampouco os acontecimentos na arena mundial puderam favorecer até agora um ascenso revolucionário na Itália e na Alemanha: esmagamento dos operários austríacos, fracasso da revolução espanhola, degenerescência do Estado soviético. Como, numa larga medida, os operários italianos e alemães dependem, para informações políticas, do rádio, pode-se dizer, com segurança, que as radiodifusoras de Moscou, combinando a falsidade termidoriana à estupidez e à falta de pudor, tornaram-se um potente fator de desmoralização dos operários dos estados totalitários.

Tanto desse ponto de vista quanto de outros, Stalin é apenas um auxiliar de Goebbels!

Entretanto, os antagonismos de classe que conduziram à vitória do fascismo continuam sua obra mesmo sob seu domínio e corroem-no pouco a pouco. As massas estão cada vez mais descontentes. Centenas de milhares de operários devotados continuam, apesar de tudo, a realizar um trabalho prudente de formigas revolucionárias. Jovens gerações que não vivenciaram diretamente o desmoronamento das grandes tradições e das grandes esperanças levantam-se. A preparação molecular da revolução está caminhando sob o pesado fardo do regime totalitário. Mas, para que a energia escondida se transforme em movimentação aberta, é necessário que a vanguarda do proletariado encontre uma nova perspectiva, um novo programa uma nova bandeira que não esteja maculada.

Aqui está a principal dificuldade. É extremamente difícil para os operários dos países fascistas se orientarem pelos novos programas. A verificação de um programa faz-se pela experiência. Ora, é precisamente a experiência do movimento de massas que falta nos países de despotismo totalitário. É bem possível que seja necessário um grande sucesso do proletariado em um dos países “democráticos” para dar um impulso ao movimento revolucionário no território do fascismo. Uma catástrofe financeira ou militar pode ter o mesmo efeito. É necessário levar a cabo, atualmente, um trabalho preparatório, sobretudo de propaganda, que só dará frutos abundantes no futuro. Desde agora,

pode-se afirmar com toda a certeza: uma vez irrompido abertamente o movimento revolucionário nos países fascistas, ele tomará, de uma só vez, uma envergadura grandiosa e, em caso algum, deter-se-á em tentativas de fazer reviver qualquer cadáver de Weimar.

É sobre esse ponto que inicia a irreduzível divergência entre a IV Internacional e os velhos partidos que sobrevivem fisicamente à sua falência. A Frente Popular na emigração é uma das variedades mais nefastas e mais traidoras de todas as frentes populares possíveis. Significa, no fundo, a nostalgia impotente de uma coalizão com uma burguesia liberal inexistente. Se ela tivesse algum sucesso, apenas prepararia uma série de novas derrotas do proletariado à maneira espanhola. É por isso que a impiedosa crítica da teoria e da prática da Frente Popular é a primeira condição de uma luta revolucionária contra o fascismo.

Isso não significa, evidentemente, que a IV Internacional rejeite as palavras de ordem democráticas. Ao contrário, elas podem, em certos momentos, cumprir um enorme papel. Mas as fórmulas da democracia (liberdade de reunião, de associação, de imprensa etc.) são para nós palavras de ordem passageiras ou episódicas no movimento independente do proletariado e não um laço correção democrático passado em torno do pescoço do proletariado pelos agentes da burguesia (Espanha!). A partir do momento em que o movimento tomar qualquer caráter de massas, as palavras de ordem transitórias misturar-se-ão às palavras de ordem democráticas:

os comitês de fábrica aparecerão, e é preciso ver isso antes que os velhos pelegos se tenham lançado de seus escritórios à edificação de sindicatos; os conselhos cobrirão a Alemanha antes que se tenha reunido em Weimar uma nova assembleia constituinte. O mesmo se dará na Itália e em outros países totalitários ou semitotalitários.

O fascismo lançou esses países no campo da barbárie política, mas não modificou seu caráter social. O fascismo é um instrumento do capital financeiro e não da propriedade latifundiária feudal. O programa revolucionário deve se apoiar na dialética da luta de classes, impreterível também nos países fascistas, e não na psicologia dos falidos amedrontados. A IV Internacional rejeita com asco os métodos de política mascarada aos quais recorrem os stalinistas, antigos heróis do “terceiro período”, para aparecer ora com máscaras de católicos, de protestantes, ora de judeus, de nacionalistas alemães, de liberais, unicamente com o fim de esconder seu próprio rosto pouco atraente. A IV Internacional aparece sempre e em todos os lugares sob sua própria bandeira. Ela propõe abertamente seu programa ao proletariado dos países fascistas. Desde já, a vanguarda dos operários do mundo inteiro está firmemente convencida de que a derrubada de Mussolini, de Hitler, de seus agentes e imitadores produzir-se-á sob a direção da IV Internacional.



A situação da URSS e as tarefas da época de transição

A URSS saiu da Revolução de Outubro como um Estado operário. A estatização dos meios de produção, condição necessária ao desenvolvimento socialista, abriu a possibilidade de um crescimento rápido das forças produtivas. Mas o aparelho do Estado operário submeteu-se, nesse meio tempo, a uma degenerescência completa, transformando-se de instrumento da classe operária em instrumento burocrático de sua coação e, cada vez mais, em instrumento de sabotagem da economia. A burocratização de um Estado operário atrasado e isolado e a transformação da burocracia em casta privilegiada todo-poderosa é a refutação mais convincente não apenas teórica, mas também prática da teoria do socialismo num só país.

Assim, o regime da URSS traz em si contradições ameaçadoras, mas permanece um regime de Estado operário degenerado. Tal é o diagnóstico social. O prognóstico político tem um caráter alternativo: ou a burocracia, tornando-se cada vez mais o órgão da burguesia mundial no Estado operário, derrubará as novas formas de propriedade e lançará o país de volta ao capitalismo ou a classe operária destruirá a burocracia e abrirá uma saída em direção ao socialismo.

Para as seções da IV Internacional, os processos de Moscou não foram uma surpresa nem o resultado da demência pessoal do ditador do Kremlin, mas os produtos legítimos do Termidor. Nasceram das fricções intoleráveis no seio da burocracia soviética que, por sua vez, refletem as contradições entre a burocracia e o povo e, também, os antagonismos que se aprofundam no interior do próprio “povo”. O “fantástico” ensanguentamento dos processos de Moscou é o indicador da força de tensão das contradições e anuncia, assim, a aproximação do desfecho.

As declarações públicas de antigos agentes do Kremlin no estrangeiro, que se recusaram a voltar a Moscou, confirmaram irrefutavelmente, à sua maneira, que no seio da burocracia existem todas as gamas do pensamento político: desde o verdadeiro bolchevismo (I. Reiss) até o completo fascismo (Th. Butenko). Os elementos revolucionários da burocracia, que constituem uma ínfima minoria, refletem, passivamente é bem verdade, os interesses socialistas do proletariado. Os elementos fascistas

e contrarrevolucionários em geral, cujo número aumenta sem cessar, exprimem, cada vez mais conseqüentemente, os interesses do imperialismo mundial. Esses candidatos ao papel de compradores pensam, não sem razão, que a nova camada dirigente só pode assegurar suas posições privilegiadas renunciando à nacionalização, à coletivização e ao monopólio do comércio exterior em nome da assimilação à “civilização ocidental”, isto é, com o capitalismo. Entre esses dois polos, dividem-se as tendências intermediárias e vagas de caráter menchevique, socialista-revolucionário ou liberal, que gravitam em direção à democracia burguesa.

Na própria sociedade dita, “sem classes”, há, sem dúvida alguma, os mesmos agrupamentos que na burocrática, mas com uma expressão menos clara e na proporção inversa: as tendências capitalistas conscientes, próprias sobretudo à camada próspera dos kolkhozianos, caracterizam apenas uma ínfima minoria da população. Mas encontram uma ampla base nas tendências pequeno-burguesas à acumulação privada que nascem da miséria geral e que a burocracia encoraja conscientemente.

A esse sistema de antagonismos crescentes que perturbam cada vez mais o equilíbrio social, agarra-se, por métodos de terror, uma oligarquia termidoriana que, agora, se reduz sobretudo à camarilha bonapartista de Stalin.

Os últimos processos judiciais foram um golpe contra a esquerda. Isso é verdade também quanto à

repressão contra os líderes da oposição de direita, pois, do ponto de vista dos interesses e das tendências da burocracia, o grupo de direita do velho partido bolchevique representava um perigo de esquerda. O fato de a camarilha bonapartista, que teme também seus aliados de direita, do gênero Butenko, ter-se visto obrigada, no interesse de sua autoconservação, a promover o extermínio quase geral da velha geração dos bolcheviques é a indiscutível prova da vitalidade das tradições revolucionárias entre as massas como de seu descontentamento crescente.

Os democratas pequeno-burgueses do Ocidente, que aceitavam ainda ontem os processos de Moscou tal como eram vendidos, repetem hoje com insistência que “na URSS não existe nem trotskismo nem trotskistas”. Não explicam, entretanto, por que todo o expurgo se realizou sob o signo da luta contra esse perigo. Se tomamos o trotskismo como um programa acabado e, sobretudo, como uma organização, ele é, sem dúvida, extremamente fraco na URSS. Entretanto, sua força invencível advém do fato de exprimir não apenas a tradição revolucionária, mas também a atual oposição da própria classe operária. O ódio social dos operários pela burocracia: eis precisamente o que, aos olhos da camarilha do Kremlin, constitui o “trotskismo”. Ela teme mortalmente e com toda a razão a articulação da surda revolta dos operários e da organização da IV Internacional.

O extermínio da geração dos velhos bolcheviques e dos representantes revolucionários da geração inter-

mediária e da jovem geração destruiu ainda mais o equilíbrio político em favor da ala burguesa de direita, da burocracia e de seus aliados no país. É de lá, isto é, da direita, que podemos esperar, no próximo período, tentativas cada vez mais resolutas de revisar o regime social da URSS aproximando-o da “civilização ocidental” e, antes de mais nada, de sua forma fascista.

Essa perspectiva torna bastante concreta a questão da “defesa da URSS”. Se amanhã a tendência burguesa-fascista, isto é, a “fração Butenko”, entra em luta pela conquista do poder, a “fração Reiss” tomará lugar, inevitavelmente, no outro lado da barricada. Encontrando-se momentaneamente como aliada de Stalin, ela defenderá, é claro, não a camarilha bonapartista desse, mas as bases sociais da URSS, isto é, a propriedade arrancada aos capitalistas e estatizada. Se a “fração Butenko” se achar em aliança militar com Hitler, a “fração Reiss” defenderá a URSS contra a intervenção militar no interior da URSS tanto quanto na arena mundial. Qualquer outro comportamento seria uma traição.

Assim, se é inadmissível negar antecipadamente a possibilidade, em casos estritamente determinados, de uma “frente única” com a parte termidoriana da burocracia contra a ofensiva aberta da contrarrevolução capitalista, a principal tarefa política na URSS continua sendo, apesar de tudo, a derrubada da própria burocracia termidoriana. O seu domínio abala, cada dia mais, os elementos socialistas da economia e aumenta as chances de restauração capitalista. É nesse

mesmo sentido que a Internacional Comunista, agente e cúmplice da camarilha stalinista, atua no estrangulamento da revolução espanhola e na desmoralização do proletariado internacional.

Assim como nos países fascistas, a principal força da burocracia não se encontra em si mesma, mas no desencorajamento das massas, na falta de uma nova perspectiva. Assim como nos países fascistas, a respeito dos quais o aparelho político de Stalin em nada se diferencia, senão por uma maior libertinagem, somente um trabalho preparatório de propaganda é possível na URSS. Assim como nos países fascistas, serão os acontecimentos exteriores que darão verdadeiramente impulso ao movimento revolucionário dos operários soviéticos. A luta contra a Internacional Comunista na arena mundial é atualmente a parte mais importante da luta contra a ditadura stalinista. Muitos sintomas permitem acreditar que a desagregação da Internacional Comunista, que não possui apoio direto na GPU, precederá a queda da camarilha bonapartista e de toda a burocracia termidoriana em geral.

O novo ascenso da revolução na URSS começará, sem dúvida alguma, sob a bandeira da luta contra a desigualdade social e a opressão política. Abaixo os privilégios da burocracia! Abaixo o stakhanovismo! Abaixo a aristocracia soviética com sua hierarquia e suas condecorações! Maior igualdade de salário de todas as formas de trabalho!

A luta pela liberdade dos comitês de fábrica e dos sindicatos, pela liberdade de reunião e de imprensa

transformar-se-á em luta pelo renascimento e pelo desenvolvimento da democracia soviética.

A burocracia substituiu os sovietes como órgãos de classe pela ficção do sufrágio universal à maneira de Hitler-Goebbels. É necessário devolver aos conselhos não apenas sua livre forma democrática, mas também, seu conteúdo de classe. Assim como antigamente a burguesia e os *kulaks* (camponeses ricos) não eram admitidos nos conselhos, também agora a burocracia e a nova aristocracia devem ser expulsas dos sovietes. Nos sovietes, só existe lugar para os representantes dos operários, dos trabalhadores dos *kolkhozes*, dos camponeses e dos soldados vermelhos.

A democratização dos sovietes é inconcebível sem a legalização dos partidos soviéticos. Os próprios operários e camponeses, mediante votação livre, mostrarão quais partidos são soviéticos.

Revisão da economia planificada de alto a baixo no interesse dos produtores e dos consumidores! Os comitês de fábrica devem retomar o direito de controle sobre a produção. As cooperativas de consumo democraticamente organizadas devem controlar a qualidade dos produtos e seus preços.

Reorganização dos *kolkhozes* de acordo com a vontade dos *kolkhozianos* e segundo seus interesses!

A política internacional conservadora da burocracia deve ceder lugar à política do internacionalismo proletário. Toda a correspondência diplomática do Kremlin deve ser publicada.

Abaixo a diplomacia secreta!

Todos os processos políticos montados pela burocracia termidoriana devem ser revistos mediante ampla publicidade e livre-exame. Os organizadores das falsificações devem sofrer o merecido castigo.

É impossível realizar esse programa sem a derubada da burocracia, que se mantém pela violência e pela falsificação. Somente o levante revolucionário vitorioso das massas oprimidas pode regenerar o regime soviético e assegurar sua marcha para a frente em direção ao socialismo. Apenas o partido da IV Internacional é capaz de conduzir as massas soviéticas à insurreição.

Abaixo a quadrilha bonapartista de Caim-Stalin!

Viva a democracia soviética!

Viva a revolução socialista internacional!



Contra o oportunismo e o revisionismo sem princípios

A política do partido de Léon Blum na França demonstra, mais uma vez, que os reformistas são incapazes de aprender qualquer coisa com as trágicas lições da História. A social-democracia francesa copia servilmente a política da social-democracia alemã e caminha para a mesma catástrofe. Durante dezenas de anos, a II Internacional cresceu nos limites da democracia burguesa, tornando-se parte inseparável dela e com ela apodrecendo.

A III Internacional entrou no caminho do reformismo na época em que a crise do capitalismo havia definitivamente colocado na ordem do dia a revolução proletária. A política atual da Internacional Comunista

na Espanha e na China – política de servilismo diante da burguesia “democrática” e “nacional” – demonstra que esta também não é capaz de aprender coisa alguma ou de mudar. A burocracia, que se tornou uma força reacionária na URSS, não pode ter papel revolucionário algum na área mundial.

O anarcossindicalismo conheceu, no geral, uma evolução do mesmo gênero. Na França, a burocracia de Leon Jouhaux tornou-se, há muito, uma agência da burguesia na classe operária. Na Espanha, o anarcossindicalismo sacudiu seu revolucionarismo de fachada desde que a revolução começou e transformou-se na quinta roda do carro da democracia burguesa.

As organizações intermediárias centristas que se agrupam em torno do Birô de Londres são só apêndices de “esquerda” da social-democracia ou da Internacional Comunista. Mostraram sua completa incapacidade para se orientarem numa situação histórica e tirar delas conclusões revolucionárias. Seu ponto culminante foi alcançado pelo POUM espanhol que, nas condições da revolução, se encontrou absolutamente incapacitado de ter uma política revolucionária.

As trágicas derrotas sofridas pelo proletariado mundial durante uma longa série de anos levaram as organizações oficiais a um conservadorismo ainda maior e conduziram paralelamente os “revolucionários” pequeno-burgueses decepcionados a procurar “novos caminhos”. Como sempre, em épocas de reação e de declínio, aparecem em todas as partes curandeiros

e charlatães. Querem revisar toda a marcha do pensamento revolucionário. Em lugar de aprender com o passado, eles o “renegam”. Uns descobrem a inconsistência do marxismo, outros proclamam a falência do bolchevismo. Uns fazem recair sobre a doutrina revolucionária a responsabilidade dos erros e dos crimes daqueles que a traíram, outros maldizem a medicina porque não assegura uma cura imediata e miraculosa. Os mais audazes prometem descobrir uma panaceia e, na espera, recomendam suspender a luta de classes. Numerosos profetas da nova moral dispõem-se a reanimar o movimento operário com a ajuda de uma homeopatia ética. A maioria desses apóstolos conseguiu tornar a si mesmos inválidos moralmente antes mesmo de descer ao campo de batalha. Assim, sob a aparência de novos caminhos, só se propõe ao proletariado velhas receitas enterradas há muito tempo nos arquivos do socialismo pré-marxista.

A IV Internacional declara guerra implacável às burocracias da II e III Internacional, da Internacional de Amsterdã e da Internacional Anarcosindicalista, da mesma maneira que a seus satélites centristas, ao reformismo sem reformas, ao democratismo aliado à GPU, ao pacifismo sem paz, ao anarquismo a serviço da burguesia, aos “revolucionários” que temem mortalmente a revolução. Todas essas organizações não são a garantia do futuro, mas sobrevivências em estado de putrefação do passado. A época das guerras e revoluções não deixará delas pedra sobre pedra.

A IV Internacional não procura nem inventa nenhuma panaceia. Ela mantém-se inteiramente no terreno do marxismo, única doutrina revolucionária que permite compreender o que existe, descobrir as causas das derrotas e preparar conscientemente a vitória. A IV Internacional continua a tradição do bolchevismo, que mostrou pela primeira vez ao proletariado como conquistar o poder. A IV Internacional afasta os curandeiros, os charlatães e os inoportunos professores de moral. Numa sociedade fundamentada sobre a exploração, a moral suprema é a moral da revolução socialista. Bons são os métodos e os meios que elevam a consciência de classe dos operários, sua confiança em suas próprias forças, sua disposição à abnegação na luta. Inadmissíveis são os métodos que inspiram nos oprimidos o medo e a docilidade diante dos opressores, sufocam o espírito de protesto e revolta e substituem a vontade das massas pela vontade dos líderes, a persuasão pela pressão, a análise da realidade pela demagogia e a falsificação. Eis por que a social-democracia, que prostituiu o marxismo, e o stalinismo, antítese do bolchevismo, são os inimigos mortais da revolução proletária e de sua moral.

Olhar a realidade de frente; não procurar a linha de menor resistência; chamar as coisas pelo seu nome; dizer a verdade às massas por mais amarga que seja; não temer obstáculos; ser rigoroso tanto nas pequenas quanto nas grandes coisas; apoiar-se sobre a lógica da luta de classes; ousar quando chegar a hora da ação.

Tais são as regras da IV Internacional. Ela mostrou que sabe nadar contra a corrente. A próxima onda histórica irá conduzi-la a seu cume.



Contra o sectarismo

Sob a influência da traição e da degenerescência das organizações históricas do proletariado, nascem ou se regeneram, na periferia da IV Internacional, grupos e posições sectárias de diferentes gêneros. Sobre suas bases, está posta a recusa em lutar pelas reivindicações parciais ou transitórias, isto é, pelos interesses e necessidades elementares das massas operárias tais como são. Preparar-se para a revolução significa, para os sectários, convencer a si mesmos das vantagens do socialismo. Propõem voltar as costas aos “velhos” sindicatos, isto é, às dezenas de milhões de operários organizados, como se as massas pudessem viver fora das condições da luta de classes real! Permanecem indiferentes à luta que

se desenvolve no seio das organizações reformistas, como se fosse possível conquistar as massas sem intervir nessa luta! Recusam-se a distinguir, na prática, a democracia burguesa do fascismo, como se as massas pudessem deixar de sentir essa diferença a cada passo!

Os sectários só são capazes de distinguir duas cores: o vermelho e o preto. Para não se expor à tentação, simplificam a realidade. Recusam-se a estabelecer uma diferença entre os campos em luta na Espanha porque os dois campos têm um caráter burguês. Pensam, pela mesma razão, que é necessário ficar neutro na guerra entre o Japão e a China. Negam a diferença de princípio entre a URSS e os países burgueses e se recusam, tendo em vista a política reacionária da burocracia soviética, a defender contra o imperialismo as formas de propriedade criadas pela Revolução de Outubro. Incapazes de encontrar acesso às massas, estão sempre dispostos a acusá-las de serem incapazes de se elevar até as ideias revolucionárias.

Uma ponte sob a forma de reivindicações transitórias não é absolutamente necessária a esses políticos estéreis, pois não se dispõem a atravessar para a outra margem do rio. Não saem do lugar, contentando-se em repetir as mesmas abstrações vazias. Os acontecimentos políticos são para eles ocasião de tecer comentários, mas não de agir. Tanto os sectários quanto os confucionistas e os milagreiros de toda espécie recebem a cada momento chicotadas da realidade, vivem em estado de contínua irritação, queixando-se sem

cessar do “regime” e dos “métodos” e atolando-se em intrigazinhas. Em seus próprios meios, exercem ordinariamente um regime de despotismo. A prostração política do sectarismo apenas completa, como sua sombra, a prostração do oportunismo, sem abrir perspectivas revolucionárias. Na política prática, os sectários unem-se a todo instante aos oportunistas, sobretudo aos centristas, para lutar contra o marxismo.

A maioria dos grupos e grupelhos sectários desse gênero, que se alimentam das migalhas caídas da mesa da IV Internacional, leva uma existência organizativa “independente”, com grandes pretensões, mas sem a menor chance de sucesso. Os bolchevique-leninistas podem, sem perder seu tempo, entregar tranquilamente esses grupos à sua própria sorte.

Entretanto, as tendências sectárias encontram-se também em nossas próprias fileiras e exercem uma funesta influência sobre o trabalho de seções isoladas. Isso não pode ser admitido nem um dia a mais. Uma política correta quanto aos sindicatos é uma condição fundamental para a filiação à IV Internacional. Aquele que não procura nem encontra o caminho do movimento de massas não é um combatente, mas um peso morto para o partido. Um programa não é criado para uma redação, uma sala de leitura ou um clube de discussão, mas para a ação revolucionária de milhões de homens. O expurgo do sectarismo e dos sectários incorrigíveis das fileiras da IV Internacional é a mais importante condição dos sucessos revolucionários.



**Lugar à juventude!
Lugar às mulheres
trabalhadoras!**

A derrota da revolução espanhola provocada por seus “líderes”, a falência vergonhosa da Frente Popular na França e a revelação das falsificações dos processos de Moscou – esses três fatos aplicam, em seu conjunto, um golpe irremediável na Internacional Comunista e, de passagem, causam graves prejuízos a seus aliados, os sociais-democratas e os anarcossindicalistas. Isso não significa, é claro, que os membros dessas organizações voltarão imediatamente para o lado da IV Internacional. A geração mais idosa, que sofreu terríveis derrotas, abandonará, em grande parte, o combate. Aliás, a IV Internacional não quer, absolutamente, tornar-se

um asilo para inválidos revolucionários, burocratas e carreiristas desiludidos. Ao contrário, estritas medidas preventivas são necessárias contra o afluxo entre nós de elementos pequeno-burgueses que dominam, atualmente, os aparelhos das velhas organizações: uma longa prova anterior para os candidatos que não são operários, sobretudo se são antigos burocratas; a proibição para eles de ocupar cargos de responsabilidade no partido durante os três primeiros anos etc. Na IV Internacional não há e não haverá lugar para o carreirismo, esse câncer das velhas internacionais. Somente encontrarão acesso a nós aqueles que quiserem viver para o movimento e não viver dele. Os operários revolucionários devem se sentir senhores. A eles, as portas de nossa organização estão amplamente abertas.

Claro, mesmo entre os operários que estiveram antes nas primeiras filas existe atualmente um bom número que está fatigado e desiludido. Ficarão, ao menos no próximo período, afastados. Quando se desgasta um programa ou uma organização, desgasta-se a geração que os carregou sobre seus ombros. A renovação do movimento faz-se pela juventude, livre de toda responsabilidade pelo passado. A IV Internacional dá uma excepcional atenção à jovem geração do proletariado. Por toda sua política, ela se esforça em inspirar à juventude confiança em suas próprias forças e em seu futuro. Apenas o fresco entusiasmo e o espírito ofensivo da juventude podem oferecer os primeiros sucessos na luta; apenas esses

sucessos podem fazer voltar ao caminho da revolução os melhores elementos da velha geração. Sempre foi assim. Continuará sendo assim.

Todas as organizações oportunistas, por sua própria natureza, concentram sua atenção principalmente nas camadas superiores da classe operária e, conseqüentemente, ignoram igualmente a juventude e as mulheres trabalhadoras. Ora, a época do declínio capitalista investe sobre a mulher seus golpes mais pesados, tanto como assalariada quanto como dona de casa. As seções da IV Internacional devem procurar apoio nas camadas mais oprimidas da classe operária e, conseqüentemente, entre as mulheres trabalhadoras. Encontrarão inesgotáveis fontes de devoção, abnegação e espírito de sacrifício.

Abaixo o burocratismo e o carreirismo:

Lugar à juventude!

Lugar às mulheres trabalhadoras!

Essas são as palavras de ordem inscritas na bandeira da IV Internacional.



Sob a bandeira da IV Internacional!

Os cétricos perguntam: mas chegou o momento de criar uma nova Internacional? É impossível, dizem, criar uma Internacional “artificialmente”; apenas os grandes acontecimentos podem fazê-la surgir etc. Todas essas objeções demonstram apenas que os cétricos não servem para criar uma nova Internacional. É duvidoso que eles, no geral, sirvam para qualquer coisa.

A IV Internacional já surgiu de grandes acontecimentos: as maiores derrotas do proletariado na História. A causa dessas derrotas é a degenerescência e a traição da velha direção. A luta de classes não tolera intervalo. A III Internacional, após a II, está morta para a revolução. Viva a IV Internacional!

Mas os céticos não se calam: já é momento de proclamá-la? A IV Internacional, responderemos, não tem necessidade de ser “proclamada”. Ela existe e luta. É fraca? Sim, suas fileiras são, até agora, pouco numerosas, pois ainda é jovem. Elas compõem-se, sobretudo, de quadros dirigentes. Mas esses quadros são a única garantia do futuro. Fora desses quadros não existe, neste planeta, uma só corrente revolucionária que realmente mereça esse nome. Se nossa Internacional é ainda fraca em número, ela é forte pela doutrina, pela tradição, pelo programa, pela têmpera incomparável de seus quadros. Aquele que não vê isso hoje que continue afastado. Amanhã, isso será mais visível.

A IV Internacional goza desde já do ódio merecido dos stalinistas, dos social-democratas, dos liberais burgueses e dos fascistas. Ela não tem nem pode ter lugar em nenhuma das frentes populares. Opõe-se irreduzivelmente a todos os agrupamentos políticos ligados à burguesia. Sua tarefa é acabar com a dominação capitalista. Sua finalidade é o socialismo. Seu método é a revolução proletária.

Sem democracia interna não existe educação revolucionária. Sem disciplina não há ação revolucionária. O regime interno da IV Internacional está fundamentado sobre os princípios do centralismo democrático: completa liberdade na discussão, total unidade na ação.

A crise atual da civilização humana é a crise da direção do proletariado. Os operários avançados,

reunidos no seio da IV Internacional, mostram à sua classe o caminho para sair da crise. Propõem-lhe um programa baseado sobre a experiência internacional da luta emancipadora do proletariado e de todos os oprimidos do mundo. Propõem-lhe uma bandeira sem mácula alguma.

Operários e operárias de todos os países,
organizem-se sob a bandeira da IV Internacional!
É a bandeira de sua futura vitória!



A impressão ficou a cargo da BMF Gráfica e Editora de São Paulo, Brasil, e realizou-se em papel Norbrite Bulk LD, 66 g/m².

Para composição desse texto, foi usada a fonte Minion Pro, corpo 11, com entrelinhas de 13,2 pt., e nos títulos a fonte Cantata One.

Impressão em novembro de 2017.
